



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**CAZUZA E AIDS: ANÁLISE DA COBERTURA DA MORTE
DO ARTISTA NOS JORNais *O GLOBO* E *FOLHA DE
S.PAULO***

ANA PAULA JAUME NADAL PUPO

Rio de Janeiro

2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**CAZUZA E AIDS: ANÁLISE DA COBERTURA DA MORTE
DO ARTISTA NOS JORNAIS *O GLOBO* E *FOLHA DE S.PAULO***

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Bacharel em Jornalismo.

ANA PAULA JAUME NADAL PUPO

Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Goulart Ribeiro

Coorientador: Dr. Vinícius Ferreira Ribeiro Cordão

Rio de Janeiro

2024

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

A474f Sobrenome, Nome
Título -- Rio de Janeiro, 2024.
78 f.

Orientador(a) :
Coorientador(a) :
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola
de Comunicação, Bacharel em Jornalismo, 2024.

1. Palavra-chave. 2. Palavra-chave. 3.
Palavra-chave. 4. Palavra-chave. 5.
Palavra-chave. I. Sobrenome, Nome, orient. II.
Sobrenome, nome, coorient. III. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia o trabalho **Cazuza e Aids: análise da cobertura da morte do artista nos jornais *O Globo* e *Folha de S.Paulo***, elaborado por **Ana Paula Jaume Nadal Pupo**

Aprovado por

Documento assinado digitalmente
gov.br ANA PAULA GOULART RIBEIRO
Data: 17/12/2024 10:12:33-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Ana Paula Goulart Ribeiro

Documento assinado digitalmente
gov.br VINICIUS FERREIRA RIBEIRO CORDAO
Data: 17/12/2024 14:52:02-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. Vinícius Ferreira Ribeiro Cordão

Documento assinado digitalmente
gov.br ANA PAULA GOULART DE ANDRADE
Data: 17/12/2024 12:34:59-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Ana Paula Goulart de Andrade

Documento assinado digitalmente
gov.br MARIALVA CARLOS BARBOSA
Data: 16/12/2024 18:28:59-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Marialva Carlos Barbosa

Grau: 10

Rio de Janeiro, no dia 16/12/2024

Rio de Janeiro

2024

AGRADECIMENTOS

A jornada até aqui não foi fácil. Agradeço a cada um que esteve comigo nesse caminho e não me deixou desistir.

À minha família, por sempre me apoiar e me dar ânimo para continuar no caminho do conhecimento e não recuar, mesmo diante dos obstáculos colocados pela vida. À minha mãe, meu pai e meu irmão por estarem comigo em momentos importantes da minha existência, a me ensinarem a não desistir dos meus sonhos, a ser determinada, dedicada e sempre me acompanharem de perto.

À minha avó Juana, por, mesmo lá de cima, sempre cuidar de mim e iluminar minha vida. Anos após sua partida, sua presença ainda é bastante viva dentro do meu coração todos os dias, assim como seus ensinamentos. Obrigada por tudo, vó.

Ao meu companheiro Guilherme, pela parceria, por segurar a minha mão e estar ao meu lado enquanto eu escrevia este trabalho. Obrigada pela cumplicidade e por me permitir continuar compartilhando a vida contigo.

Agradeço a Deus, por me fortalecer dia após dia, me dar serenidade para seguir em frente e me ensinar a confiar que, na hora certa, as coisas se ajeitam da melhor forma possível.

Agradeço à minha orientadora Ana Paula Goulart Ribeiro e ao meu coorientador Vinícius Ferreira Ribeiro Cordão, por confiarem no meu trabalho e embarcarem comigo nesse processo. Pelas trocas e pelas palavras de incentivo em momentos de incerteza e dúvida. Por acreditarem em mim.

Às professoras Ana Paula Goulart de Andrade e Marialva Barbosa, por aceitarem participar deste momento tão importante para mim. Obrigada, por mostrarem que mesmo com toda carga acadêmica do ambiente universitário, a jornada pode ser leve, seja pelas experiências únicas em sala de aula ou pelas conversas, ao longo da graduação.

Aos colegas da UFRJ, por dividirem a rotina de aulas comigo.

À Escola de Comunicação da UFRJ, a ECO, por aumentar minha paixão pelo Jornalismo. Cada cantinho daquele lugar deixou sua marca em mim.

À Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), por me permitir viver o sonho de estudar em uma universidade pública.

Gratidão a todos que cruzaram o meu caminho e me ensinaram algo nesses 26 anos. A conclusão desta etapa tem um pouco de cada um de vocês. Obrigada!

PUPO, Ana Paula Jaume Nadal. **Cazuza e Aids: uma análise da cobertura sobre a morte do artista nos jornais O Globo e Folha de S.Paulo.** Orientadora: Ana Paula Goulart Ribeiro. Coorientador: Vinícius Ferreira Ribeiro Cordão. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Jornalismo). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2024.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo observar as diferenças na cobertura da morte de Cazuza nos jornais O Globo e Folha de S.Paulo e como o acontecimento contribuiu para impulsionar o debate sobre a Aids, à época, definida por termos pejorativos na imprensa. O trabalho irá comparar a maneira pela qual a morte do artista com Aids torna-se valor-notícia de grande peso. Dessa forma, analisamos 8 edições disponíveis no acervo de cada jornal no período entre 8 e 15 de julho de 1990 e observamos as ausências e presenças. A pesquisa visa desnudar como os discursos sobre a doença na mídia carregam um teor estereotipado, fazendo com que as pessoas com HIV sejam vistas como vilãs na epidemia e marginalizadas da sociedade. Em paralelo ao retrato da Aids na década de 80, observa-se, atualmente, canais online, como perfis de influenciadores que se dedicam em desmistificar a doença por meio, sobretudo, da informação correta, o que contribui para transformar a opinião pública em torno da doença.

Palavras-chave: Cazuza; Aids; jornalismo; O Globo; Folha de S.Paulo

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. DE AGENOR A CAZUZA: VIDA E MORTE DO POETA	7
2.1 O garoto do Leblon dá lugar à celebridade Cazuza	9
2.2 O que significa Cazuza estar com Aids	12
3. A CONSTRUÇÃO MIDIÁTICA DO ADOECER	15
3.1. Cazuza agoniza em praça pública, capa <i>Veja</i>	17
4. COMO O JORNALISMO APRESENTOU A AIDS?	26
4.1. Como a doença se torna um acontecimento?	28
4.2. A primeira notícia sobre a “doença misteriosa” no <i>O Globo</i> e <i>Folha</i>	30
5. A MORTE DE CAZUZA IMPRESSA NAS PÁGINAS DE <i>O GLOBO</i> E <i>FOLHA DE S.PAULO</i>	33
6. AIDS NA CONTEMPORANEIDADE: INFORMAÇÃO E INVESTIMENTOS	57
6.1. A Internet na luta contra a Aids	58
	59
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	67
9. ANEXOS	71

1. INTRODUÇÃO

As notícias têm papel fundamental na vida das pessoas, pois servem de base para construir a noção de realidade, e fornecer conhecimento ao público. Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) analisará a cobertura jornalística da morte de Cazuza, cantor e compositor brasileiro que faleceu em decorrência de complicações causadas pela Aids, em 7 de julho de 1990, após uma intensa exposição midiática que acompanhou o avanço de sua doença. Serão analisadas as matérias publicadas nos jornais *O Globo* e *Folha de S.Paulo*, grandes nomes do jornalismo de referência no país, no período de 8 a 15 de julho de 1990, ou seja, do dia seguinte à morte até o segundo domingo seguinte. A partida de Cazuza causou grande repercussão e comoção no Brasil. A escolha por analisar as edições do *O Globo* e *Folha* se justifica por ambos serem veículos de grande circulação nacional à época.

Além da revisão bibliográfica que estará presente ao longo dos capítulos, a metodologia utilizada foi fundamentalmente, a pesquisa documental, consultando sites específicos, sobretudo o acervo digital dos jornais *O Globo* e *Folha de S.Paulo*, de onde extraímos as matérias jornalísticas digitalizadas que analisamos. Buscamos abordar, prioritariamente, a cobertura noticiosa da morte de Cazuza nesses veículos. Procuramos, assim, trazer a forma pela qual a Aids era noticiada para a audiência e contextualizar a epidemia da doença, que ganhou mais atenção do Ministério da Saúde na década de 1990, com investimentos e campanhas educativas.

Neste trabalho reflexivo, que tem o cantor e compositor Cazuza como personagem-objeto empírico, observaremos como a imprensa lidou com a morte do artista, em decorrência da Aids, por meio de estratégias discursivas. Queremos perceber de que maneira as narrativas veiculadas nos meios de comunicação sobre Cazuza e sua morte centralizaram a formação de um discurso de sentidos sobre a doença. A mídia, com seus enquadramentos, encabeçou a produção de uma memória coletiva nacional. Neste lugar, a figura de Cazuza torna-se símbolo do HIV/Aids associando a liberdade sexual a um definhamento que levaria à morte. O nome e a imagem do poeta passaram a ser vinculados à doença e suas consequências, conforme o episódio da publicação da famosa capa da revista *Veja*, que colocou Cazuza como alguém que estava agonizando, à beira da morte. Assim, será possível perceber como a imprensa combina recursos linguísticos.

A escolha do tema desta pesquisa surge, prioritariamente, a partir da afinidade pessoal da autora com a obra do artista e relevância de Cazuza enquanto um ídolo com Aids. Desde criança, escutava trechos de uma música ou outra, seja em trilhas sonoras de novelas da TV *Globo* ou em conversas de família. O tempo passou, e minha curiosidade em conhecer a fundo o artista aumentou. As músicas de Cazuza foram, naturalmente, sendo incorporadas à minha playlist da vida. Na hora de decidir qual tema trataria no Trabalho de Conclusão de Curso surgiu a possibilidade de unir paixão pessoal ao ofício, e analisar como a imprensa noticiou a morte de Cazuza, considerando complexo contexto de discriminação em torno da Aids naquela época dos idos de 1990.

No mais, também colaborou para a escolha do tema, a postura do artista enquanto pessoa protagonista na luta contra a doença em um cenário em que pouco se sabia sobre a sigla e, portanto, havia bastante preconceito e discriminação, sobretudo pela condição homossexual dele. Cazuza assumiu que tinha Aids, em 1989, durante entrevista exclusiva ao jornalista Zeca Camargo, nos Estados Unidos. A lógica das sensações ocupou lugar central nas narrativas sobre a morte do cantor. A mídia, em especial o jornalismo, foi terreno fértil para a produção e disseminação dos saberes sobre a doença.

No primeiro capítulo, exploramos, seguindo uma veia biográfica, por meio da investigação de arquivos, buscamos a memória de Cazuza, que viveu o início da epidemia. Buscaremos destacar os principais momentos da vida de Agenor de Miranda Araújo Neto, nascido em 4 de abril de 1958, no Rio de Janeiro. Recuperamos que o início da relação com a música surge bem cedo, dentro da família, visto que o pai, João Araújo, era produtor fonográfico e fundador da Som Livre, do grupo Globo.

Em 1978, aos 20 anos de idade, Cazuza começa a trabalhar na gravadora, fazendo a triagem de fitas de novos artistas e escrevendo releases de lançamento. Lá conheceria Ezequiel Neves, que teve papel essencial na carreira. Já no final do ano seguinte, Cazuza viaja para os Estados Unidos para fazer um curso de fotografia, mas volta ao Brasil, meses depois, sem terminar as aulas. Em 1980, o artista ingressa no teatro, no Circo Voador, no Rio de Janeiro. Também abordaremos o lado boêmio de Cazuza, que costumava se divertir no Baixo Leblon, na Zona Sul. Em 2017, inclusive, a figura do cantor foi eternizada no local, com uma estátua¹ de tamanho real na Praça Cazuza, ali próximo.

¹ A estátua foi alvo de polêmica logo nos primeiros dias após a inauguração. Nos primeiros dias após sua inauguração, primeiro pelo preço (cerca de R\$100 mil) e pela estética (muitos acharam a estátua feia). Ver mais em matéria da Veja (2017). Disponível em: https://vejasp.abril.com.br/coluna/viajarecurtir/estatua-de-cazuza-colocada-no-leblon-gera-polemica-na-internet#google_vignette

O capítulo ainda inclui a passagem estrondosa de Cazuza pela banda Barão Vermelho, por meio da qual se consagra um roqueiro de sucesso, com a ajuda de ícones da MPB, como Caetano Veloso e Ney Matogrosso, com quem teve um relacionamento. Citamos o cenário de efervescência cultural e política, diante da redemocratização, nos anos de 1980, e como o rock era usado para se manifestar descontentamentos publicamente. Apesar do sucesso extraordinário da banda, pontuamos, para além disso, o momento de ruptura na trajetória de Cazuza, ao sair do grupo Barão Vermelho, em 1985, e trilhar o caminho da carreira solo com o lançamento do LP *Ideologia*, em 1988. Narramos, então, as transformações trazidas com esse novo disco, ao tentar desvincular a imagem de rebelde que tinha como integrante do Barão Vermelho, e iniciar uma nova fase.

Finalizamos essa parte do trabalho refletindo sobre o significado de Cazuza estar com Aids, pontuando a revolução não apenas na música, mas no debate em torno da doença. Mencionaremos a luta do artista contra um discurso estereotipado da mídia, em meio ao desconhecimento da patologia, que associava a liberdade sexual a um definhamento que, inevitavelmente, resultaria na morte da pessoa que vivia com HIV. Veremos de que forma o fator homossexualidade aparece como vilão dessa trama discursiva dos meios de comunicação.

No terceiro capítulo, buscaremos pensar a construção do adoecimento encabeçada pela mídia. Mais uma vez, a linguagem é peça-chave nesta estratégia. Esse processo foi consolidado, por anos, por meio de notícias que relatavam descobertas científicas, relatórios da medicina ou testemunhos de quem tinha a doença. A Aids como notícia adquiriu sentido próprio com nomes como peste gay e câncer cor de rosa. Mostraremos exemplos de como essa construção acontecia, também, na imprensa francesa, com destaque ao jornal *Libération*, e como era veiculada a noção de grupos de risco, elencados aos supostos fatores de transmissão.

Ainda nessa parte do trabalho, falaremos dos limites entre o público e privado da vida de Cazuza, nosso objeto de análise, e, nessa toada, do registro do cotidiano do artista enquanto elemento de produção da idolatria aos heróis contemporâneos. Veremos que, antes de noticiar, de fato, a morte de Cazuza, a mídia constrói a figura dele enquanto doente, publicando o sucesso nos palcos, em contraponto às limitações impostas pela doença. Falaremos da vulnerabilidade no adoecimento pela Aids, trazendo o exemplo da capa da revista *Veja* de 1989, com a manchete "CAZUZA uma vítima da Aids agoniza em praça pública". Realizaremos uma análise dos recursos usados pelo veículo, como a foto do poeta,

para colocar o artista em posição rebaixada socialmente. A capa causou polêmica na época, devido à natureza sensacionalista.

O capítulo quatro se dedicará a mostrar de que forma a Aids foi apresentada pelo jornalismo. Os primeiros casos de HIV, na década de 1980, lançam uma avalanche de informações no cenário midiático. A primeira fase da epidemia foi marcada pela incerteza e pelo pânico da falta de conhecimento médico-científico. Era uma nova doença que se espalhava em pouco tempo e matava as vítimas com rapidez. Veremos, aqui, a nomenclatura "grupos de risco", associados a homens gays, prostitutas e usuários de drogas. Em 1981, a Aids se tornou notícia mundial após um artigo do jornal *The New York Times*, que informava o surgimento de uma doença que intrigava a Ciência e assustava os gays de Nova York. Mas a mídia brasileira só começaria a dar mais visibilidade à epidemia quando Markito, estilista famoso homossexual de São Paulo morre por causa da Aids, em 1983. Era o símbolo da entrada da epidemia no Brasil.

Nesse contexto, discutiremos, ainda, de que maneira a Aids se torna acontecimento com potencial noticioso, considerando o papel do jornalismo de mediador entre a realidade e o público. Nesse aspecto, mencionaremos os valores-notícia na produção noticiosa sobre a doença. A notícia em torno do artista com Aids é construída de modo a consolidar o processo do adoecer pelo qual atravessa Cazuza. Por fim, lembraremos da primeira notícia sobre "doença misteriosa"² (nome dado à Aids inicialmente) no jornal *O Globo*, em 11 de dezembro de 1981. Será possível ver uma escrita estereotipada, com ênfase na relação de causa e efeito entre homossexuais, drogas e Aids. A reportagem endossava o desprezo à diversidade e a opção sexual de parte da população.

No capítulo cinco, analisaremos as 16 edições dos jornais *O Globo* e *Folha de S.Paulo* (oito edições de cada veículo) para observar, na prática, como a imprensa da época, em julho de 1990, refletiu não apenas a morte de Cazuza, mas a luta contra a Aids e a importância cultura do artista enquanto ícone do cenário musical e cultural vigente. Examinaremos as diferenças de ambas as coberturas no período selecionado, checando, por exemplo, se a morte de Cazuza foi notícia todos os dias nos dois jornais, isto é, se houve ou não alguma menção, mesmo que mínima (como uma nota curta de coluna), em cada um dos oito dias aqui focados. Queremos visualizar, sobretudo, a estrutura das matérias jornalísticas publicadas e o uso das vozes para construir o discurso. Este trecho do trabalho debaterá, ainda, outras formas de

² Apesar de o primeiro caso ter sido registrado no Brasil, em 1980, em São Paulo, o termo **Aids** seria estabelecido somente em 1982. Disponível em: <https://www.ioc.fiocruz.br/aids20anos/linhadotempo.html>. Acesso em: 2 de nov. 2024.

conteúdo veiculadas na cobertura, como cartas/mensagens de leitores e comunicados para a missa de sétimo dia do poeta. Pretendemos elucidar, ainda, se o fato de a Som Livre, gravadora do pai de Cazuza e que o colocou no topo do mundo musical, está associada ao Grupo Globo, influencia a noticiabilidade do veículo da família Marinho.

Reservaremos o último capítulo desta monografia para tratar o quadro contemporâneo da Aids, acerca dos esforços do Ministério da Saúde, sobretudo no que se refere a estratégias de comunicação inseridas em campanhas educativas sobre o tema e aos investimentos financeiros empenhados. A pasta, no entanto, somente passou a se manifestar de maneira expressiva contra a doença em 1985. Nessa lógica, destacaremos alguns feitos, como a fundação do Grupo de Apoio à Prevenção à Aids (GAPA), primeira organização não governamental para a Aids, o Programa Nacional de Aids, a VIII Conferência Nacional de Saúde, com ideias que seriam parte da nova Constituição de 1988, além do surgimento do Sistema Único de Saúde (SUS) e do dia primeiro de dezembro, pela e a Organização Mundial da Saúde (OMS), como dia internacional de luta contra a Aids, com objetivo de aumentar a conscientização da população. Encerraremos trazendo dados recentes de casos da doença no Brasil.

Diante do exposto, a ideia deste trabalho de conclusão de graduação será, também, fomentar o debate acerca da doença não apenas dentro do ambiente acadêmico, mas, para além das paredes da Universidade, e chamar a atenção para o tema, contribuindo, para o fim da estigmatização e descriminação das pessoas que vivem com HIV e, por extensão, de outras infecções sexualmente transmissíveis (ISTs). Poderemos, nessa lógica, observar que quando o doente é uma figura pública, os pensamentos preconceituosos parecem ganhar amplitude e se torna um fator decisivo para julgar a subjetividade do indivíduo. Dadas as circunstâncias, refletiremos na necessidade de se debater o tema e levá-lo ao maior número possível de pessoas.

Esta pesquisa visa contribuir tanto na ampliação do debate sobre o noticiário da morte de artistas quanto sobre o retrato da Aids na imprensa. Cazuza quebrou tabus durante sua longa breve vida. Cantou, compôs, riu, divertiu, ousou, nadou contra a corrente. Viveu. Esta pesquisa, claro, não tem a pretensão de elencar todas as realizações do artista, que segue conquistando fãs de sua obra mesmo mais de 30 anos após sua partida. Buscaremos observar como se deu a cobertura de sua morte em dois jornais de grande circulação, e destacar uma fatia significativa de sua trajetória. Logo, as próximas páginas não têm a pretensão de esgotar o assunto, mas despertar o interesse pelo tema e expandir a produção científica neste campo da comunicação para desmistificar o assunto e disseminá-lo tanto no ambiente acadêmico,

como na sociedade civil. Para que essa monografia possa ser melhor entendida, é fundamental ter em mente que as edições dos jornais analisados aqui trazem, consigo, aspectos culturais e políticos do contexto da época. Desse modo, o material está circundado por um conjunto de anseios sociais e econômicos evidentes a partir das imagens vistas.

2. DE AGENOR A CAZUZA: VIDA E MORTE DO POETA

Era um sábado de inverno, dia 7 de julho de 1990, quando as luzes do palco se apagaram para Cazuza, que deixaria, para a posteridade, gravadas 14 canções inéditas. Partia, deste mundo, cinco anos depois da apresentação histórica para 140 mil pessoas no primeiro *Rock in Rio*³. Na mesma data, a Itália vencia a Inglaterra, por 2 x 1, na disputa pela medalha de bronze na Copa do Mundo. Ao longo deste capítulo, iremos nos debruçar nos dias, anos e décadas da vida de Agenor de Miranda Araújo Neto.

Nascido em 4 de abril de 1958, no Rio de Janeiro (RJ), o filho da cantora Maria Lúcia da Silva Araújo e do produtor fonográfico João Araújo, foi uma das primeiras figuras públicas no Brasil a falar abertamente que tinha Aids, em fevereiro de 1989. Era comum o comportamento, na época, pessoas que viviam com HIV não anunciar de forma pública que tinham a doença, como o caso do ator Lauro Corona, que morreu em 1989 sem nunca admitir publicamente ter a doença. Também vale o destaque para a morte do costureiro Marcus Vinícius Resende Gonçalves, Markito, amplamente noticiada em junho de 1983 como o primeiro caso conhecido de brasileiro que morreu por causa do vírus HIV.

Cazuza além de se tornar um símbolo da Aids no Brasil, também tem sua imagem associada ao comportamento revolucionário na cultura do rock nacional, sendo um ícone da liberdade sexual. A inspiração para o nome de Agenor veio do avô paterno. Mas o filho de João e Lucinha não gostava tanto assim do nome, até descobrir que era xará de um ídolo da música, Cartola, conforme conta a mãe em "Explicando o Exagerado: Por Lucinha"⁴, ao explicar a origem do nome de batismo do filho.

O apelido, Cazuza, chegou antes mesmo de ele nascer, uma vez que na família da mãe só tinham mulheres. Quando Lucinha ficou grávida, todos pensavam que viria outra mulher na família. Por outro lado, enquanto isso, o pai cismava em dizer que seria um cazuza, ou seja, um moleque, como se diz no Nordeste. O menino nasceu, e o apelido vingou.

Irreverente, ousado e filho único, Agenor passou a infância em Ipanema, na Zona Sul do Rio, e estudou no tradicional colégio Santo Inácio de Loyola, em Botafogo, mas foi transferido para o colégio Anglo-American. Nos anos 1970, foi aprovado no curso de

³ O Barão Vermelho, banda da qual Cazuza era vocalista, se apresentou na primeira edição do *Rock in Rio*, no RJ, em janeiro de 1985. Disponível em <<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/rock-in-rio/noticia/rock-in-rio-i.ghtml>>

⁴ O documentário está disponível no canal do You Tube com nome de Cazuza <<https://www.youtube.com/watch?v=xcVA165S3FU>>

Comunicação nas Faculdades Integradas Hélio Alonso⁵, mas decidiu trancar a faculdade três semanas depois do início do curso.

Gostava de beber, fumar e se divertir no Baixo Leblon, região badalada do bairro de classe média alta que o eternizou, em 2017, com uma estátua de bronze em tamanho real do artista, na Praça Cazuza, entre a Avenida Ataulfo de Paiva e a Rua Dias Ferreira. Cazuza é representado de corpo inteiro apoiado de costas nos cotovelos, de óculos, descalço, com calça azul e camisa listrada. Junto à estátua, há um arco suspenso com beija-flores, fazendo referência à composição Codinome Beija-Flor. No local, foi gravado um trecho da canção.

Os 18 anos chegaram, em janeiro de 1976, e Cazuza decidiu ir para Londres estudar Arte Dramática, o que acabou não se concretizando no país europeu. Cazuza teve forte influência musical vinda da família, adentrou o universo dos arranjos e acordes, com ajuda do pai, que trabalhava em uma gravadora, onde arranjou, em 1978, um emprego para o filho (Melo, p.40, 2004). Cazuza era responsável por fazer a triagem das fitas demo de novos artistas e escrever releases de lançamento. A gravadora era a Som Livre (ligada à *Rede Globo*), de onde o pai era presidente e fundador. Foi lá que o artista viria a conhecer Ezequiel Neves, que teve um papel fundamental em sua vida.

No fim de 1979, aos 21, Cazuza foi para os Estados Unidos fazer um curso de fotografia na Universidade de Berkeley, em São Francisco, onde despertou o interesse pela literatura da Geração Beat⁶, dos poetas malditos, que teriam, mais tarde, forte influência em sua carreira. Sete meses mais tarde, Cazuza voltou ao Brasil sem terminar o curso de fotografia. De volta ao cotidiano, o artista conseguiu emprego na gravadora RGE como fotógrafo free-lancer. Nessa época, iniciou seu envolvimento amoroso com Ney Matogrosso.

Também em 1980, Cazuza ingressou no grupo teatral Asdrúbal Trouxe o Trombone, no Circo Voador, no Rio de Janeiro. Nessa época, cantou em público pela primeira vez, na peça “Paraquedas do Coração”. Em pouco tempo, o artista se juntaria a uma banda de rock que estava sem um vocalista.

⁵Cazuza foi aprovado em Comunicação nas Faculdades Integradas Hélio Alonso em 1976, após uma promessa do pai, que disse que lhe presentearia com um carro caso passasse no vestibular.

<https://grislab.com.br/celebridades/cazuza/>

⁶ Os beats, inicialmente movimento literário e social, lideraram uma grande mobilização na música, principalmente pelas críticas ao modo de vida vigente e a defesa do autoconhecimento através da vivência livre e com a natureza, influenciando cantores como Bob Dylan e John Lennon. No Brasil, Cazuza e Raul Seixas são exemplos de artistas influenciados pelos beats, uma vez que criticavam o modo de vida capitalista e conservador e, buscavam uma vida simples e transgressora (Wagner, Sugizaki; p.167, 2021).

2.1 O garoto do Leblon dá lugar à celebridade Cazuza

No ano seguinte, em 1981, aos 22 anos, Cazuza chega ao Barão Vermelho. A ajuda do diretor artístico da Som Livre, Guto Graça Mello, e do produtor Ezequiel Neves, que ouviram uma fita demo do poeta cantando com o Barão Vermelho, foi um pontapé inicial em sua carreira musical. De imediato, Cazuza estabeleceu uma empatia com Frejat, um dos quatro adolescentes que tocavam um “som de garagem”. O grupo ensaiava, todos os dias, em uma garagem na Praça Del Vecchio, no Rio Comprido, na Zona Norte do Rio, na casa do tecladista Maurício Barros. A banda também era composta por Flávio Augusto Goffi, baterista, e André Palmeira Cunha, o baixista. Para quem já havia feito várias tentativas de ter sucesso na vida (ir para o exterior, estudar fotografia, atuar no teatro), seria só mais uma tentativa de “fazer dar certo”.

O Barão Vermelho foi uma das grandes atrações da edição de 1985 do *Rock in Rio*, considerado o grito de liberdade no início da redemocratização no Brasil. Na ocasião, Cazuza se enrolou na bandeira do Brasil e cantou “Pro Dia Nascer Feliz”, comemorando a eleição de Tancredo Neves e o fim da ditadura militar.

O primeiro álbum do Barão Vermelho nasceria em 1982. A banda tocava sucessos, como 'Todo Amor que Houver Nesta Vida', 'Bete Balanço' e 'Pro Dia Nascer Feliz'. O grupo de rock brasileiro deslanchou e atingiu grande êxito. O Barão Vermelho foi o precursor da movimentação do Rock que o país viveria nesta mesma década, em uma realidade em que o Regime Militar sufocou a imprensa para impedir que o Brasil mostrasse a cara. Para driblar esse amordaçamento, os cidadãos desenvolveram outros meios para expressar a indignação com a situação política. Ezequiel Neves já vislumbrava o início de uma nova era: uma explosão de grupos de rock amadores que fomentariam a lucratividade das gravadoras.

Surge, então, na cena musical, uma geração específica do rock nacional, o rock brasileiro dos anos 1980, o Rock Brasil (Jardim, Rosa; p.4, 2020). Assim, os anos 80 foram carimbados pela forte presença de bandas de rock que dominaram o cenário cultural do país e consolidaram o ritmo como um segmento de sucesso no Brasil. São exemplos: Paralamas do Sucesso, Ultraje a Rigor, Titãs, Kid Abelha e Legião Urbana. O período foi de profundas transformações no campo político, econômico e social do Brasil. Cazuza, então, passa a ser enquadrado como representante da nova geração do rock nacional.

Neste período, era comum o imaginário do conjunto “rebeldia, atitudes desviantes e a opção sexual” como agravante para a Aids e características do perfil do roqueiro da época. A

concepção de culpabilização da vítima da Aids, sendo esta tida como consequência direta da perversão sexual, é, inclusive, abordada pela escritora Susan Sontag.

A transmissão sexual da doença, encarada pela maioria das pessoas como uma calamidade da qual a própria vítima é culpada, é mais censurada do que a de outras — particularmente porque a Aids é vista como uma doença causada não apenas pelos excessos sexuais, mas também pela perversão sexual (Sontag, 2007, p. 80).

O jeito transgressivo de Cazuza, uma figura pública com HIV, de levar a vida, questionar o espectro político e social, além de falar o que pensa, moldam o perfil estereotipado de “roqueiro rebelde”, descrição endossada pela postura teatral e performática ao interpretar uma canção. O jornalista e crítico musical brasileiro Arthur Dapieve reflete que a morte de Cazuza marcou o fim do BRock⁷, o Rock Brasileiro dos anos 80, enquanto movimento estético, que o artista, na visão do crítico, era o maior protagonista do contexto.

Cazuza reunia todos os principais traços do roqueiro brasileiro da década de 80, os traços que definiram o próprio movimento [...]. O que era então esse tal de BRock personificado em Agenor de Miranda Araújo Neto? Era o reflexo retardado no Brasil menos da música do que da atitude do movimento punk anglo-americano: do-it-yourself, faça-você-mesmo, ainda que não saiba tocar, ainda que não saiba cantar, pois o rock não é virtuoso. Era um novo rock brasileiro, curado da purple-haze psicodélica-progressiva dos anos 70, livre de letras metafóricas e do instrumental state-of-the-art, falando em português claro de coisas comuns ao pessoal de sua própria geração. (Dapieve, 1995, p. 195)

O Rock Brasil se originou do movimento punk⁸ que explodiu na Inglaterra em 1977 e surgiu com o lema do faça-você-mesmo. Tal estilo de música e vida penetraram no Brasil entre 1979 e 1982, em plena abertura política após o regime militar. Renan Mattos (2011) observa como artistas do Rock Brasil vivenciaram a experiência do adoecimento com foco na construção social do que significava viver com Aids. As crises econômicas passam a representar elementos conectivos entre os jovens: “o punk conquista a juventude operária de Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro e camadas medianas de Porto Alegre, Curitiba e Brasília [...]” (Mattos, 2011, p. 224).

Era um tempo em que se falava em abertura política, e, portanto, o que se destacava era uma geração de compositores universitários que colocavam nas letras preocupações

⁷ O jornalista Arthur Dapieve (1995) criou o termo BRock para denominar o rock que surgiu no Brasil nos anos de 1980 e que contraiu feições brasileiras.

⁸ O termo começa a ser usado no início do século XX como um adjetivo pejorativo. “Lixo” ou mesmo “prostituta” são traduções possíveis. Punk passa a ser usado para designar uma geração de jovens sem perspectivas e desamparadas pela sociedade e pelo Estado. O punk enquanto vertente do rock passou a ter sua importância dilatada, por se configurar como um importante mecanismo de expressão dos adolescentes da classe trabalhadora inglesa.(DEMARCHI,2006)

políticas. O abrandamento da censura, imposta pela Ditadura Militar no país (1964-1985), propicia uma ressignificação da relação entre os meios de comunicação de massas e o público por meio de festivais, programas de rádio e televisão e imprensa, dedicados a abrigar produtores e receptores de novas formas de arte. Alguns exemplos de artistas marcantes à época foram: Elis Regina, Ivan Lins, João Bosco, Aldir Blanc e Gonzaguinha.

Apesar de todas as projeções, no entanto, o primeiro LP do Barão Vermelho, lançado em 1982, grupo musical do qual Cazuza fazia parte, não foi, inicialmente, bem recebido pela imprensa e, portanto, não vendeu tanto, já que fugia do padrão radiofônico da época. O prestígio da crítica e público começaria a aparecer somente com regravações e manifestações públicas de artistas consagrados como Caetano Veloso⁹ e Ney Matogrosso¹⁰. O sucesso foi tanto que os garotos roqueiros foram convidados a compor e gravar o tema do filme *Bete Balanço*, sucesso de bilheteria, o que também estimulou as vendas de “Maior Abandonado”, terceiro disco do grupo. O potencial de Cazuza enquanto letrista vai se consolidando pouco a pouco, bem como a imagem de poeta da nova geração.

Mas Cazuza escolhe não cantar apenas um ritmo e, em 1985, abre outra porta, a carreira solo. O mal-estar entre os integrantes ganha espaço na mídia ao mesmo tempo em que a internação de Cazuza, para tratar uma “doença de vírus”¹¹, ocupa as páginas dos jornais. É nesse momento que o interesse pela vida de Agenor começa a se sobrepor à curiosidade pela vida do artista Cazuza. Pautas ligadas à saúde dele seriam as mais visadas pela mídia. Quando deixa o Barão Vermelho no auge do sucesso, em agosto de 1985, prestes a gravar o quarto LP do grupo, Cazuza vira a chave para uma nova fase da cobertura feita pela imprensa e abre margem para especulações.

Barão Vermelho era um grupo de Rock com suas próprias tendências. Este foi o choque maior entre ele e o resto do grupo. Existe uma grande contradição a respeito da saída de Cazuza do grupo. [...] segundo depoimentos de Ezequiel Neves Cazuza retirou-se do grupo por sua vontade própria, já que o relacionamento entre ele e o grupo não estava bem (Melo, 2004, p.46).

Nota-se, aqui, um desejo de ruptura convergente à lógica de transição do momento: Cazuza tenta, agora, desvincular a imagem de rebelde consolidada enquanto integrante do Barão Vermelho, e construir uma nova camada na carreira. Um marco na trajetória do poeta,

⁹ Em julho de 1983, Caetano Veloso cantou, em seu show “*Uns*”, no Canecão, a música “Todo Amor que Houver Nessa Vida”, de autoria de Cazuza. A canção estava no primeiro LP do Barão Vermelho, lançado em 1982. Caetano fez diversos elogios ao grupo, o que foi fundamental para o sucesso da banda (Melo, 2004).

¹⁰ Em 1983, para provar que a música do grupo era de boa qualidade, Ney Matogrosso regrava “*Para o Dia Nascer Feliz*”, presente no segundo álbum do Barão Vermelho, o que fez as rádios começarem a tocar a versão original do grupo, e a banda, deslanchar. Para uma análise mais aprofundada, leia reportagem da rádio Nova Brasil (2024). Acesso em 29 de outubro de 2024. Disponível em

<<https://novabrasilfm.com.br/notas-musicais/historia-da-musica-pro-dia-nascer-feliz-no-aniversario-de-frejat>>

¹¹ A imprensa ainda não nomeava a Aids tal como conhecemos hoje.

já na carreira solo, foi o lançamento do LP *Ideologia*, por exemplo, em 1988. O álbum foi composto por Cazuza, em meio ao impacto da descoberta do vírus HIV. Na canção de mesmo nome, é possível inferir que ao mesmo tempo em que se anuncia o fim da vida do artista, um tempo histórico morria. Vemos, portanto, menos ousadia, e mais intimismo.

Meu prazer
 Agora é risco de vida
 Meu sex and drive
 Não tem nenhum rock and roll
 Eu vou pagar a conta do analista
 Pra nunca mais saber quem eu sou
 Ah! Saber quem eu

O cantor coloca no mesmo patamar o prazer e o risco de vida. Desse modo, os versos enaltecem as desilusões, o fim das alternativas existenciais, cantadas em tom pessimista. A morte do amor livre e a homossexualidade, diante do estabelecimento do grupo de risco, mostram, assim, a perda de sentido com a emergência da Aids nos anos 80. A partir daí, aos 27 anos, continuou o trabalho de compor músicas que traduziam sentimentos daquela geração, como 'Exagerado', 'Brasil', 'Codinome Beija-Flor', 'O Tempo Não Pára', 'Faz Parte do Meu Show' e 'O Nosso Amor a Gente Inventa'.

Conforme alcançava a validação de sua obra, ficava mais suscetível ao julgamento da opinião pública, que colocava sua vida pessoal no cerne social. Não raro, o lado Exagerado falava mais alto nas reportagens, ao trazerem para o centro do debate público a subjetividade do jovem de classe média alta. O autor Nelson Traquina conceitua a noticiabilidade como “o conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir valor como notícia” (Traquina, 2008, p. 63). A noticiabilidade pode ser compreendida como a capacidade ou aptidão que os fatos têm de serem transformados em notícia. O jornalismo transformava, assim, a liberdade sexual e o consumo de drogas em critérios de noticiabilidade, que muitas vezes, no noticiário, se sobreponham ao talento e magnitude de Cazuza enquanto artista. O Caju, como era conhecido pelos amigos, foi considerado o poeta da rebeldia, da solidão e do amor.

2.2 O que significa Cazuza estar com Aids

Cazuza veio para mudar não apenas o cenário da música brasileira da década de 1980, mas o debate em torno da Aids. Além de enfrentar a doença, lutava, sobretudo, contra a estereotipação da mídia, que usava do pânico e do desconhecimento dos sintomas, para

construir e disseminar narrativas danosas. Com representações e enquadramentos articulados, a mídia ocupou um lugar nobre no que se refere à produção da memória coletiva nacional em torno do HIV/Aids, protagonizada por Cazuza, e, de imediato, associou a liberdade sexual a um processo de definhamento que, inevitavelmente, culminaria na morte da pessoa que vivia com HIV.

O fator homossexualidade, para Vinícius Ferreira, é o vilão de toda essa trama, uma vez que os homens que mantinham relações sexuais com outros homens são tidos como responsáveis pelo mal: “tratava-se do acionamento da imaginação sobre um corpo coletivo abstrato, que vinha ganhando visibilidade midiática desde os anos 1960 com a libertação gay” (Ferreira, 2024, p.175). A imagem e o nome de Cazuza passaram a ser vinculados, culturalmente, à doença e suas consequências.

O artista viveu as primeiras décadas da epidemia¹², quando pouco ou quase nada se sabia sobre o contágio. Foi um dos primeiros a falar abertamente sobre a doença, no contexto da redemocratização no Brasil. À época, outro caso emblemático foi o de Renato Russo¹³, que, apesar de diagnosticado com HIV em 1989, um ano antes da morte de Cazuza, sempre procurava despistar o assunto publicamente. O sucesso de Renato Russo e Cazuza na cena musical os transformam em porta-vozes dessa geração. Assim, ao estabelecer uma relação entre Aids, anos de 1980, e o rock nacional precisamos mencionar a dupla, evidenciando as experiências de adoecimento. Cazuza assumiu que tinha Aids, em fevereiro de 1989, em uma entrevista exclusiva ao jornalista Zeca Camargo¹⁴, nos Estados Unidos, quando viajou com os pais para realizar exames médicos.

O artista, que quebrou paradigmas com seus ideais e valores, foi, pelo mesmo motivo, condenado pelo preconceito da mídia à morte. Em sua tese, Vinícius Ferreira resume essa visão distorcida e estereotipada que, não raro, se tem, de certa forma, até os dias de hoje, sobre a pessoa que vive com HIV.

Não somos capazes de ver uma pessoa com o HIV como um indetectável. Nossa imaginação nos direciona para a figura do aidético (um morto-vivo). O fantasma da Aids carrega a imaginação do corpo aidético. O corpo esquelético, símbolo no

¹²Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), epidemia é um aumento no número de casos de uma doença em várias regiões, mas sem uma delimitação geográfica específica.

¹³ Mesmo sem falar abertamente sobre a Aids, é possível notar uma mudança da forma de Renato Russo se expressar, por meio da música, durante o período em que esteve infectado pelo vírus HIV. O álbum “A Tempestade ou o Livro dos Dias”, último projeto em vida, lançado em setembro de 1996, foi uma forma do cantor exteriorizar as dores psicológicas e físicas (Santos, p.8, 2018).

¹⁴ O jornalista Zeca Camargo relembrou, em seu blog no g1, a entrevista que fez com Cazuza. Acesso em 4 de outubro de 2024. Disponível em <<https://g1.globo.com/pop-arte/blog/zeca-camargo/post/um-historia-que-vale-pena-ser-contada.html>>

passado da presença do vírus no organismo, se faz visível mesmo quando não é mais possívelvê-lo (Ferreira, 2024, p.161)

Essas estratégias discursivas presentes nos meios de comunicação sobre o adoecimento do poeta moldaram as descobertas de sentidos dos primeiros anos da doença. Com Cazuza no palco social, entrava em cena o clamor pela liberdade sexual e o livre pensamento, utilizando, principalmente, as canções para elucidar, de maneira singular, sua trajetória de vida. Assim, não tinha intenção em ocultar as experiências individuais, mas em usá-las como mecanismo de posicionamento na sociedade. A memória cultural mantém Cazuza como um ídolo do rock que abriu passagem para o aprimoramento de estudos e surgimento de novas pesquisas sobre a Aids enquanto dispositivo de sexualidade.

Segundo Da Silva e Lima, a palavra ídolo significa imagem, simulacro. As autoras refletem que as divindades são tidas como os primeiros ídolos da história. Elas frisam que "falar de ídolo é falar de um objeto de adoração, ligado ao divino e ao sagrado. [...] A existência de ídolos de pedras representando deuses marcou o princípio da civilização" (Da Silva; Lima, 2015, p. 3). Séculos depois, conforme as autoras, a mídia transforma uma pessoa comum em ídolos, "mesmo que sejam ídolos instantâneos, [...] mas que reproduzam um desejo coletivo de que aquela pessoa, até então do "mundo real", seja especial no plano midiático". Tal lógica de transformar alguém comum em ídolo pode ser aplicada ao olharmos para Cazuza. Mesmo antes de sua morte, a mídia faz um apagamento de Agenor enquanto pessoa anônima e dá à luz Cazuza, ídolo lapidado pouco a pouco por programas televisivos, pela imprensa e, não menos importante, por sua arte de viver e cantar.

Nessa toada, quando estuda mortes notáveis e cerimônias fúnebres televisionadas, Marialva Barbosa observa uma nova relação homem-morte na contemporaneidade. "Na morte dos ídolos nacionais, das personalidades públicas – publicizadas através das imagens da mídia – observa-se um ritual de celebração, [...] A tranquilidade do leito é substituída pela cena pública, onde excesso é a palavra de ordem" (Barbosa, 2004, p.1). Desse modo, a morte de Cazuza, chorado pela multidão e noticiado pela imprensa, passa a ter mais relevância quando comparada à morte de Agenor, enquanto figura anônima e familiar. Notamos, assim, que o grau de noticiabilidade da morte pode mudar a depender se a vítima é um anônimo ou um famoso.

3. A CONSTRUÇÃO MIDIÁTICA DO ADOECER

As notícias têm papel essencial na sociedade, já que, por meio de discursos, ajudam a construir a noção de realidade, fornecendo conhecimento público. Para atingir o receptor, a notícia percorre um caminho que vai do fato à publicação e circulação, esbarrando nos conceitos de verdade e objetividade. A Aids ganhou contornos com discursos, sobretudo midiáticos, em circulação sobre o tema¹⁵. E, com isso, surgiu uma intensa onda de notícias sobre a Aids, em que os jornais lançavam para a sociedade uma ampla cobertura com informações alarmantes sobre o vírus e as pessoas infectadas. A Aids foi sendo construída pelo jornalismo com um sentido próprio e adquiriu nomes como peste gay e câncer cor de rosa.

Nesse âmbito, os meios de comunicação de massa têm notória participação na disseminação de conhecimento sobre a doença, uma vez que molda a natureza da informação a ser noticiada, conforme o cruzamento de dados médicos e percepções sociopolíticas dos jornalistas, para atender a expectativa dos leitores. Logo, ressalta-se que antes de ser vista como uma doença mortal, a Aids foi considerada doença moral. Sendo assim, a construção do sentido da Aids pelo jornalismo foi sendo consolidada ao longo dos anos, por meio de notícias que relatavam descobertas científicas, relatórios da medicina ou testemunhos de quem convive com a doença.

Indo mais a fundo, Marcelo Robalinho reflete que a Aids representa uma metáfora, como a própria saúde, pela simbologia adquirida na contemporaneidade, inclusive no noticiário. Amparado em Sontag¹⁶, o autor retoma que “adoecer significa biologicamente modificar as normas internas do organismo e simbolicamente estar em contato com o 'lado negro' da vida, uma cidadania mais onerosa e menos desejada” (Ferraz, 2015, p.385). A doença virou sinônimo de medo, ou mesmo vergonha.

Bom frisar, ainda, que a infecção pelo vírus HIV era atribuída aos homossexuais, considerados grupo de risco. Para ilustrar essa forma de pensamento, do início da década de 1980, têm-se exemplos da imprensa francesa, como o jornal francês *Libération*, veículo que falava diretamente dos homossexuais: “Enquanto *Le Matin* e *Le Quotidien* se limitam a partir de 1982 ao termo ‘doença dos homossexuais’, o *Libération* exibe já em 13 - 11 - 1981 a

¹⁵ Para uma análise mais aprofundada sobre a ideia ler *Uma Sociologia da Epidemia da AIDS*, de Michel Pollak (1990).

¹⁶ Em *A doença como metáfora: Aids e suas metáforas*, Susan Sontag (2007) aborda a Aids, diferenciando a doença da sífilis e do câncer.

seguinte manchete: 'A peste nos EUA', e em 6 - 1 -1982: 'Misterioso câncer dos homossexuais' (Pollak, p.140, 1990)". Após a descoberta do vírus, e à medida em que se divulgam notícias sobre o assunto, a doença perde seu status misterioso e o teor estereotipado é atenuado. A partir de 1985, a imprensa francesa, analisada pelo autor, adota um tom mais moderado no que se refere a incertezas na classificação de grupos de risco.

Nos idos de 1985, a imprensa da França muda o argumento subjacente às suas publicações vinculadas à Aids. Em vez de noticiar a descrição dos grupos de risco e de supostos fatores de transmissão, os jornais franceses trariam relatos científicos, fazendo com que a associação entre Aids e homossexuais perdesse o caráter de acusação e "dramático" de antes.

Essa desdramatização é permitida pela medicalização do fenômeno e pelo lugar concedido aos especialistas. Na maioria dos diários e semanários, a informação é comentada por jornalistas especializados nas questões médicas, os muitas vezes são médicos também" (Pollak, p. 146, 1990).

Os cientistas aproveitam o apoio dos meios que o incluem na estratégia informacional e editorial do veículo. Nesse sentido, esses veículos consagram a fala de especialistas científicos enquanto fontes exclusivas: "O jornalismo é uma das formas com que a informação científica e tecnológica circula e transforma-se em importante moeda de troca para os agentes envolvidos na epidemia de aids" (Costa, 2019, p.186). Com a mudança, o doente passa a ser colocado como alguém que sofre, e não mais sob a forma marginalizada. No entanto, o cenário era diferente se olharmos para a imprensa brasileira, com destaque ao estudo de Cazuza.

As notícias publicadas na mídia brasileira sobre o artista extrapolaram os acontecimentos da sua vida profissional, para além dos shows e músicas lançadas, as matérias também destacavam seu estilo de vida, as noitadas, os múltiplos amores e o abuso de bebidas e drogas. O teor autobiográfico de suas letras, que falavam sobre viver a vida intensamente, relacionamentos e críticas à hipocrisia social, também instigava o interesse pela vida privada do artista. As fofocas sobre o rockeiro da zona sul eram publicadas sem pudor pelo jornalismo. A grandiosidade do lado artístico provocava curiosidade, também, pela vida privada, mostrando a dificuldade em preservar o pessoal.

Para Helal e Cataldo (2004, p.2) o registro do cotidiano do artista pela mídia é um dos elementos que leva a produção da idolatria aos heróis contemporâneos. Essa construção, também envolve o público como testemunhas, criando uma relação dialética entre a mídia, o ídolo e o contexto social. Dessa forma, antes de reverberar a morte de Cazuza quase

diariamente nas páginas do jornal, a mídia construiu a figura do artista enquanto doente: noticiou sua vida, as pequenas e grandes conquistas do cantor, como o sucesso de suas letras de música, a ousadia no palco e o jeito destemido de viver, mesmo com as limitações impostas em consequência da doença.

Após os “grupos de risco”, aproveitemos esse momento para trazer o conceito de vulnerabilidade, que permitiu um foco maior na atenção para a sociedade no geral, e não apenas em certos grupos de pessoas, como era em relação aos homossexuais. A vulnerabilidade, neste caso, estaria aplicada à suscetibilidade do sujeito em adoecer. No entanto, na prática, isso não alterou as representações associadas à doença.

Percebemos, nesse sentido, o termo vulnerabilidade como a suscetibilidade do sujeito a uma possibilidade de adoecimento, resultante de um conjunto de aspectos sociais, culturais, epidemiológicos, psicológicos e biológicos, recolocando o sujeito em sua relação com o coletivo. Estes aspectos devem ser analisados tanto objetivamente como subjetivamente, ou seja, devem ser levadas em consideração a dimensão simbólica, a construção de processos de identidade como subjetivamente, ou seja, devem ser levadas em consideração a dimensão simbólica, a construção de processos de identidade e as vulnerabilidades dos indivíduos (SOUZA; MIRANDA; FRANCO, 2011, p. 383).

Assim, com base nesse pensamento, uma vulnerabilidade é estabelecida na relação com o outro, exposto ao vírus HIV e o adoecimento pela Aids. Vulnerabilidade esta que será bastante explorada por jornais e revistas, como o caso da capa da *Veja*, que utiliza recursos linguísticos e imagéticos para construir uma narrativa a partir do estado de saúde de Cazuza.

3.1. Cazuza agoniza em praça pública, capa *Veja*

Em 26 de abril de 1989, a revista *Veja*¹⁷ veiculou uma das capas mais controversas¹⁸ de sua história. A capa de circulação nacional determina uma espécie de contagem regressiva da morte, ao trazer a manchete "CAZUZA uma vítima da Aids agoniza em praça pública" sobreposta à foto do compositor, que pesava 40 quilos. Essas práticas linguísticas orquestradas pela mídia, que envolvem a escolha de palavras do título junto à imagem para construir um imaginário de “indivíduo morimbundo” acerca do paciente com Aids, manifestam uma forma de dominação construída a partir da diferença de poder entre

¹⁷ A título de curiosidade, tal edição, atualmente considerada peça de colecionador, chega a custar R\$350 na internet, tamanha repercussão do tema à época. A edição se tornou histórica e com grande valor memorialístico. Acesso em 3 de novembro de 2024. Disponível em:

<https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-3896043905-veja-1077-cazuza-_JM#position%3D3%26search_layo ut%3Dgrid%26type%3Ditem%26tracking_id%3D7175955d-f683-47e1-8934-c770358b11e2>

¹⁸ Em artigo sobre as experiências de soropositividade nas mídias, Azevêdo (2017, p.5) cita como exemplo as capas da *Veja* e Galileu no contexto de se viver com HIV/Aids.

indivíduos ou instituições. São formas emblemáticas do que se costuma chamar de “violência simbólica¹⁹”.

No entendimento de Pierre Bourdieu (1997, p. 204), dominante e dominado estabelecem uma relação mediante classificações (rico/pobre, homem/mulher, hétero/homossexual) naturalizadas, onde o ser social torna-se produto. Com base nisso, o jornalismo (dominante) aproveita-se da condição do Cazuza, como paciente com Aids, para colocar o artista em posição rebaixada socialmente: alguém que está à beira da morte, fraco e com o futuro já traçado. A revista, que deveria ter a missão de levar informação e conhecimento ao leitor, porém, acaba “levando o entrevistado para o hospital”.

Como uma engrenagem de uma indústria, as diversas formas de ação pedagógica, de múltiplas instituições cooperam e se reforçam mutuamente por meio dos seus próprios efeitos de dominação, ou seja, pela violência simbólica. Logo, a violência simbólica pode permear o ofício pedagógico de uma escola, mas também relações de comunicação, como na imprensa, ditando o que se entende por interesse público e interesse do público

Uma das camadas do interesse público no jornalismo se refere à relevância como critério de seleção dos fatos noticiados²⁰. Problemas no serviço público de saúde, por exemplo, afetam diversos cidadãos atendidos pelo sistema e também envolve o Estado, que deveria prover um direito básico à população. Nessa linha, o interesse público é atribuído à relação com os fatos que os cidadãos deveriam conhecer para formar opinião e fazer escolhas na política. A atuação do Estado e o desenvolvimento da economia, temas de impacto na vida pública, estão incluídos nessa discussão. Por outro lado, falamos em “interesse do público” quando abordamos eventos que os consumidores têm vontade de saber, como acontecimentos esportivos e fofocas de celebridades, que não afetam a cidadania, mas provocam curiosidades e paixões.

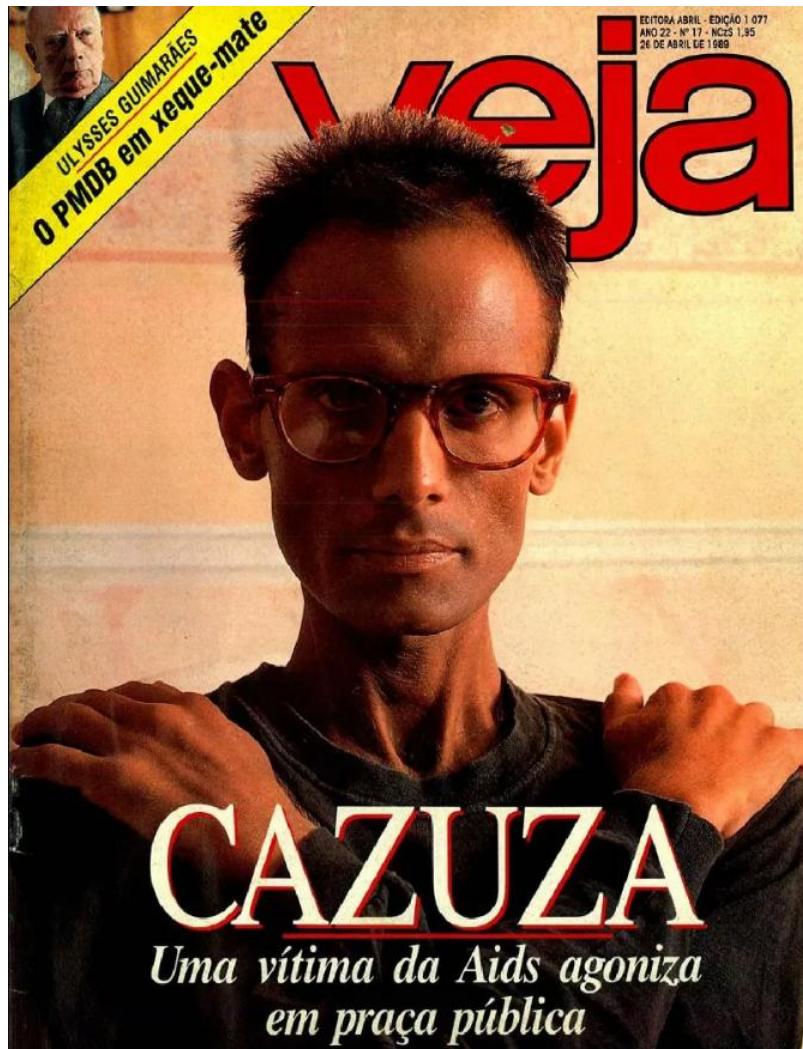
Podemos observar, neste caso, uma informação de *interesse do público*, uma vez que há a curiosidade da audiência em querer saber do quadro de saúde de Cazuza e a comoção pela sua aparência física em consequência da doença, principalmente por ele ser uma figura pública com um jeito irreverente de ser. De outro lado, se olharmos de forma objetiva, sentimos falta da lógica do *interesse público*, já que, na capa da *Veja*, por exemplo, há ausência de questões mais objetivas em torno da doença, como dados e explicações sobre a Aids em um período em que pouco se sabia sobre a enfermidade e sobravam especulações. As

¹⁹ O conceito de violência simbólica (Bourdieu, 2012) engloba vários tipos de violência, tanto físicas como simbólicas e considera, ainda, a coerção da coletividade sobre o indivíduo, como a das leis, da polícia e das instituições.

²⁰ Traquina (2008) reflete sobre o critério usado por jornais ao selecionar determinados fatos a serem noticiados.

manchetes sensacionalistas na imprensa podem ser enquadradas na compreensão de violência simbólica, por se tratarem de um artifício de dominação, uma vez que o jornalismo pode usar, a seu favor, a linguagem e o apelo emocional, mirando a retenção e aumento da audiência.

Figura 1 - Capa da *Veja* de 26 de abril de 1989



(Fonte: Observatório de Mídia²¹)

A capa causou muita polêmica já na época da sua publicação, devido à sua natureza sensacionalista. Até hoje o episódio serve como um exemplo sobre os limites éticos do jornalismo. A imagem do paciente Cazuza, em comparação aos pacientes anônimos da Aids, recebeu grande destaque e abordagem perversa, que não se preocupou em preservar a intimidade do cantor e reforçou, em função da fama e notoriedade de Cazuza, estereótipos e preconceitos em relação à doença. Com a publicação da capa a ideia que fica é: Cazuza estava com Aids, agonizando fisicamente, logo, isso não dizia mais respeito somente à individualidade, mas havia uma dimensão pública do fato.

²¹ [1] Disponível em <<https://medium.com/observat%C3%B3rio-de-m%C3%A9dia/quando-a-veja-matou-cazuza-15933a4f909a>>. Acesso em: 10 de setembro de 2024.

Helal e Cataldo (2004, p.2) analisam a cobertura da morte do piloto Ayrton Senna e a transformação em mito e relaciona o tema com uma reflexão de Jean-Pierre Vernant (2000) sobre a morte Aquiles que também pode nos servir nesta pesquisa:

Enfrentar no campo de batalha os adversários mais aguerridos é pôr-se à prova numa competição de coragem, em que cada um tem de mostrar quem é, provar aos outros sua excelência, uma excelência que culmina na façanha guerreira e encontra sua realização na “bela morte”. Assim, em pleno combate, em plena juventude, as forças viris, a bravura, a energia e a graça juvenil intactas jamais conhecerão a decrepitude da velhice [...] Aquiles escolhe a morte na glória, na beleza preservada de uma vida extremamente jovem. Vida encurtada, amputada, encolhida, e glória imorredoura. O nome de Aquiles, suas aventuras, sua história, sua pessoa mantém-se para sempre vivos na memória dos homens [...] (Vernant, 2000: 97, *apud*, Helal e Cataldo).

O conceito de "bela morte", a despeito dos enquadramentos midiáticos feitos por veículos como a revista *Veja*, cabe bem no contexto de Cazuza. Assim era denominada a morte do guerreiro no auge da sua juventude e em um combate glorioso, após ter superado vários obstáculos. O fato da partida prematura em meio ao histórico de internações, viagens para tratamento e a decisão de continuar cantando conferiram mais glória à sua história de vida, e tornaram-na mais mítica e espetacular o que já havia sendo construído ao longo de sua jornada na música e no ativismo cultural. Os autores observam a diferença notória das manifestações sociais em torno da morte de personalidades e cidadãos anônimos, sobretudo por evidenciar dramas e contradições, que exigem tratamento particular.

A morte de uma personalidade é celebrada e produz significados para a sociedade mais ampla. Ela transcende a comoção familiar, a esfera privada, e torna-se de domínio público, tal qual foi a narrativa produzida pelos meios de comunicação da personalidade em vida (Helal e Cataldo, 2004, p. 4)

O veículo, portanto, mira em um jornalismo de sensações para se promover em cima do sofrimento de Cazuza, até então discreto quanto à publicização do avanço da doença em seu corpo. A revista transforma em mercadoria a notícia da aparência do artista, acometido pela doença. Conforme essa lógica de “Sociedade do Espetáculo”, é preciso vender a notícia, mesmo que se tenha que manipular dados ou “espetacularizar” os fatos (Debord, 1997 *apud* Negrini *et al.*, 2016). Logo, o que menos importa é a qualidade da notícia, pois a curiosidade e o apelo emocional impulsiona as vendas.

Dentro da revista, na página 80, nos deparamos com a primeira parte do texto baseado na entrevista com o cantor. O lide afirma que Cazuza está doente e vai morrer em pouco tempo. A mídia vale-se de seu ofício enquanto produtora de sentidos e constrói uma narrativa onde a morte de um grande artista é a protagonista e o cantor, mero coadjuvante. Ajudam a

consolidar a sentença de morte proferida pela mídia a escolha de palavras, verbos e expressões, como “está se acabando”, “letal”, “definha” e “rumo ao fim inexorável”.

O mundo de Cazuza está se acabando com estrondo e sem lamúrias . Primeiro ídolo popular a admitir que está com Aids, a letal síndrome da imunodeficiência adquirida, o roqueiro carioca nascido há 31 anos com o nome de Agenor de Miranda Araújo Neto definha um pouco a cada dia rumo ao fim inexorável (Veja, 1989, p.80)

Além disso, o subtítulo da matéria usa o adjetivo “abatido” para descrever o estado de Cazuza, o que denuncia uma parcialidade no ofício dos jornalistas da revista naquele caso: “O uso de adjetivos no texto jornalístico, por exemplo, são marcas discursivas que denunciam a intrínseca imparcialidade do jornal e suas posições-discursivas acerca daquilo que ele noticia” (Costa, 2019, p.125). A reportagem não discorreu sobre Aids, sintomas ou medidas contraceptivas para se evitar a infecção pela doença, mas focou no estilo de vida de Cazuza para justificar a sentença de morte decretada pela revista. O texto traz revelações do cantor, trabalhando com extremos: pontuando os momentos mais trágicos e os mais brilhantes. A escolha pela imagem de capa leva a crer que foi aquilo que mais impressionou na entrevista.

O professor da Universidade Federal de Santa Catarina Francisco Karam avalia que a matéria de Cazuza, junto à capa, reflete o “conjunto de morais sociais expressas em comentários, julgamentos, críticas, elogios, sentimentos grandiosos e mesquinhos” (Karam, p.94, 2014). A Veja consegue, então, de forma jornalística, resumir a alma moral brasileira de múltiplos segmentos sociais, ao mesmo tempo em que gerou revolta, não apenas no próprio Cazuza, mas em parte da sociedade. O autor faz um contraponto com essa ideia, ao expor que notícias ruins, como tragédias, também fazem parte do jornalismo: “os valores sociais só podem ser sentidos, tanto pela razão como pela paixão e emoção, se estiverem ligados socialmente à diversidade em que se expressam” (Karam, 2014, p. 95).

Figura 2 - Entrevista de Cazuza na *Veja*, 26 de abril de 1989

ESPECIAL

A luta em público contra a Aids

*Abatido aos poucos pela doença,
o compositor Cazuza conta como resiste
em nome da vida e da carreira*

O mundo de Cazuza está se acabando com estrondo e sem lamúrias. Primeiro ídolo popular a admitir que está com Aids, a letal síndrome de imunodeficiência adquirida, o roqueiro carioca nascido há 31 anos com o nome de Agenor de Miranda Araújo Neto define um pouco a cada dia rumo ao fim inexorável. Mas o cantor dos versos

*Senhoras e senhores
Trago boas novas
Ei vi a cara da morte
E ela estava viva*

faz questão de morrer em público, sem esconder o que está se lhe passando. Cazuza conta como convive com a doença. Fala sem firulas de sua bissexualidade, de como se drogou pesadamente e confessa que está tendo dificuldade em se livrar do alcoolismo. Mais que isso, o artista trabalha continuamente e se expõe a todos os olhares. No momento, ele grava um disco, está fazendo um livro autobiográfico, compõe músicas e planeja um show. Os olhares que Cazuza aíra são muitos e variados. Há os que contemplam o seu calvário com admiração pela coragem e garra do cantor. Há os que buscam o sensacionalismo e o escândalo. Há os que o apontam como herói e mártir da Aids. Há os que se sintam fascinados em beijá-lo na boca em público. Há os que o vejam com piedade. E há os que se sintam morbidamente atraídos pela tragédia de Cazuza.

“É a minha crividade que me mantém vivo”, diz o roqueiro. “Meu médico diz que eu sou um milagre porque eu tenho tanta energia, tanta vontade de criar, e que é isso que me deixa vivo. Minha

cabeça está muito boa, ela comanda tudo.” A cabeça do ex-integrante do Barão Vermelho continua funcionando exatamente como antes — inclusive quando alterna subitamente raciocínios sensatos com delírios poéticos, gestos de extremo afeto com agressões gratuitas, acusações levinhas com elogios generosos. O que está muito diferente é o corpo do astro. De 68 quilos, ele passou para 40. Seu bronzeado já não esconde as manchas que lhe marcaram o rosto. Se ainda há dias meses ele freqüentava a pista de dança do People, a boate que é um dos templos da noite carioca, ele agora não consegue andar sozinho, tem dificuldade em colocar uma fita no gravador, se cansa quando fala seguidamente e precisa de auxílio para realizar necessidades fisiológicas. Bené, um misto de secretário, guardas-costas e motorista, é quem o carrega nos braços pelo seu apartamento, quem o leva até o carro quando Cazuza quer tomar um banho de cachoeira na Floresta da Tijuca ou vai gravar nos estúdios da Polygram no Rio de Janeiro.

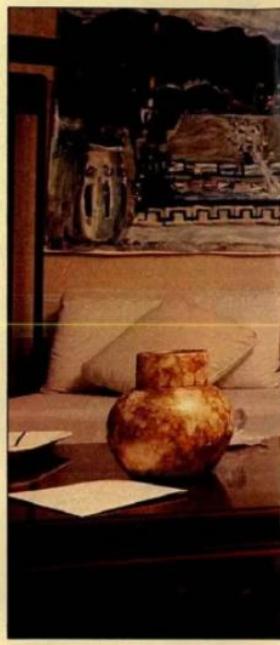
“ESCOMBROS” — Na tarde de quarta-feira passada, Cazuza recebeu Angela Abreu e Alessandro Porro, da sucursal carioca de VEJA, em seu apartamento no Leblon, para uma entrevista que durou duas horas e meia e fumou um maço inteiro de Lucky Strike. Sem fugir de qualquer assunto, falou sobre tudo e todos em depoimentos pungentes (veja quadros). Em seu quarto, o ambiente lembra a assepsia de um hospital bem equipado, com tenda de oxigênio, máscara para facilitar a respiração, cadeira de rodas com forro especial no assento para

evitar as escaras provocadas pela longa sedentaria e uma mesa repleta de frascos de remédios. Das 6 horas da tarde às 8 da manhã uma enfermeira cuida do doente, que dorme seis horas por noite a poder de calmantes e às vezes acorda com dificuldades de respiração. Durante o dia, Fernanda Pessoa, 24 anos, sua secretária, é quem cuida de tudo, assistida por uma cozinheira e por Bené, que praticamente não desgruda de Cazuza durante um minuto.

O cantor está morando num apartamento no 18.º andar, de onde se avista toda a Praia do Leblon, desde o início do mês. Há quatro anos, deixou a casa dos pais, Lucinha e João Araújo, diretor da gravadora Som Livre. Desde que soube que estava com Aids, Cazuza teve crises

Cazuza, em seu apartamento:
40 quilos, compondo, gravando um
disco e escrevendo uma autobiografia

VEJA, 26 DE ABRIL, 1989



(Foto: Observatório de Mídia²²)

Quando viu a capa e leu a reportagem, Cazuza passou mal e precisou ser hospitalizado. Logo depois, decidiu tornar pública sua revolta com a maneira pela qual o conteúdo foi apresentado pela revista e publicar em importantes jornais do país um comunicado pago. Para ele, a revista sucumbiu “à tentação de descer ao sensacionalismo, para me sentenciar à morte em troca da venda de alguns exemplares a mais”. Ao reagir, Cazuza não contesta sua condição enquanto pessoa que vivia com HIV, mas a diagramação escolhida, que provoca uma construção imagética e discursiva, com seu nome em caixa alta no título, o

²² [1] Disponível em <https://medium.com/observat%C3%B3rio-de-m%C3%A9dia/quando-a-veja-matou-cazuza-15933a4f909a>. Acesso em: 10 de setembro de 2024.

uso o verbo "agoniza" e um retrato preenchendo toda a página onde ele aparece abatido e com olhar distante. Além disso, importante ter em mente que "por vezes é possível identificar as posições e o pensamento de um jornalista através da análise das palavras escolhidas na redação, das imagens selecionadas para ilustrar o caso, do ângulo apontado na reportagem" (Negrini, 2016, p. 34).

Conforme a carta de repúdio veiculada como comunicado pago abaixo nos jornais à época, Cazuza deixa nítida a revolta com o enquadramento utilizado para decretar sua morte: "o que o incomodava não era o conteúdo que preenchia as páginas da edição, mas a composição da capa que decretava sua sentença de morte" (Ferreira, 2024, p.184). A situação fez com que a jornalista responsável pela matéria pedisse demissão uma semana depois.

A leitura da edição da VEJA, que traz meu retrato na capa, produz em mim e acredito que em todas as pessoas sensíveis e dotadas de um mínimo de espírito de solidariedade, um profundo sentimento de tristeza e revolta. Tristeza por ver essa revista ceder à tentação de descer ao sensacionalismo, para me sentenciar à morte em troca da venda de alguns exemplares a mais. Se os seus repórteres e editores tinham, de antemão, determinado que estou em agonia, deviam, quando nada, ter tido a lealdade e franqueza de o anunciar para mim mesmo, quando foram recebidos cordialmente em minha casa. Mesmo não sendo jornalista, entendo que a afirmação de que sou um agonizante devia estar fundamentada em declaração dos médicos que me assistem, únicos, segundo entendo, a conhecerem meu estado clínico e, portanto, em condições de se manifestarem a respeito. A VEJA não cumpriu esse dever e, com arrogância, assume o papel de juiz do meu destino. Esta é a razão da minha revolta. Não estou em agonia, não estou morrendo. Posso morrer a qualquer momento, como qualquer pessoa viva. Afinal, quem sabe com certeza o quanto ainda vai durar? Mas estou vivíssimo na minha luta, no meu trabalho, no meu amor pelos meus seres queridos, na minha música, e, certamente, perante todos os que gostam de mim (Nunes, 2010, p. 163).

A morte do cantor viria cerca de um ano após essa publicação. O show acabou para Cazuza em 7 de julho de 1990, enquanto dormia, no apartamento dos pais, em Ipanema, na Zona Sul do Rio de Janeiro. Após a análise dessas edições, observamos de que maneira a mídia responsabiliza Cazuza pelo contágio e desenvolvimento da doença, o que minimiza a capacidade social de lidar com os problemas circunscritos a trauma coletivos. Como sublinha Ferreira, "a saúde deixa de ser um problema público e todo o longo histórico de interdições sobre a sexualidade são apagados" (Ferreira, 2024, p.191).

Em *A doença como metáfora: Aids e suas metáforas*, a escritora Susan Sontag fala sobre a definição da Aids, diferenciando a doença de outras, como sífilis e câncer. "Ao contrário da sífilis e do câncer, que fornecem protótipos para a maioria das imagens e metáforas associadas à Aids, a própria definição de Aids requer a presença de outras doenças, as chamadas infecções e malignidades oportunistas" (Sontag, 2007, p.73). Ainda segundo a

autora, o HIV é como um “personagem de ficção científica, um replicante”: o vírus entra no organismo, ataca as células de defesa, fazendo com que o paciente fique mais propenso a ter outras doenças, de forma complexa, biodiversa e concomitante. Assim, o termo Aids (Síndrome de Imunodeficiência Adquirida) designa um estado clínico, que tem como consequência um espectro de doenças.

4. COMO O JORNALISMO APRESENTOU A AIDS?

Os primeiros casos de infecção pelo HIV, no início da década de 1980, trouxeram uma avalanche de informações no cenário midiático. Mais de 35 anos após o início da epidemia bastante coisa mudou, como o aperfeiçoamento dos coquetéis antirretrovirais para tratamento, ampla distribuição de preservativos, campanhas de testes, dentre outras mudanças. Junto aos primeiros casos públicos confirmados de HIV e Aids em 1980, nos Estados Unidos, surgem também uma série de controvérsias ligadas à patologia.

A fase inicial da epidemia foi marcada pela imprecisão e pânico decorrentes da falta de conhecimento médico-científico diante de uma nova doença caracterizada por uma agilidade própria, já que não apenas se espalhava em pouco tempo entre as pessoas como matava as vítimas com rapidez. As constatações iniciais de profissionais da saúde foram viabilizadas a partir de generalizações feitas a partir da recorrência de sintomas em pacientes, como o emagrecimento exacerbado e o surgimento de doenças como o Sarcoma de Kaposi e pneumonia. Mas, não se sabia como a doença era transmitida, qual o agente etiológico e como tratá-la.

Toda essa imprecisão aliada à incerteza do momento ganhou palco especificamente no jornalismo, e deram o tom das informações que circulavam na rotina da imprensa. Entre os equívocos cometidos pela medicina clínica e epidemiológica, a nomenclatura dos grupos de risco se destaca: "Os chamados 'grupos de risco' foram bastante criticados tanto por seu potencial de estigma e discriminação quanto por desconsiderarem aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais implicados no surgimento e enfrentamento da epidemia" (Cardoso, 2020, p.963). Na época, se enquadravam nessa classificação: homens gays, prostitutas, imigrantes haitianos, usuários de drogas endovenosas e hemofílicos.

Em 1981, o Centro de Controle de Doenças Americano (CDC) nomeou o novo fenômeno como GRID, Gay Related Immune Deficiency (Imunodeficiência relacionada a gays, em tradução livre). Das "vítimas preferidas" os hemofílicos eram os que menos receberam a condenação moral que vinha junto aos sintomas físicos (Azevêdo, 2017, p.4).

Foi também em 1981 que a Aids tornou-se notícia mundialmente a partir de um artigo do cronista de medicina do jornal americano *The New York Times*, Laurence Altman. Na ocasião, ele informava o surgimento de uma "doença que deixava os especialistas intrigados e assustava os gays de Nova York" (Nascimento, 2005, p.82). No Brasil, porém, a doença se

revelou entre 1981 e 1983²³, antes dos primeiros casos serem reportados no país. As notícias chegavam por meio de despachos de agências internacionais sobre os registros nos EUA, como um “problema dos outros”.

Desde o anúncio dos primeiros casos, Aids atendia aos critérios da "boa notícia" para o Brasil da época, pois estava enquadrada "em maior ou menor grau, em praticamente todos os valores-notícia definidos pelos teóricos do campo do jornalismo" (Ferraz, 2015, p.326-327). Eram exemplos desses valores-notícia: a novidade (atualidade), imprevisibilidade (singularidade), peso social (atenção), proximidade geográfica, hierarquia social das vítimas, magnitude do fato, impacto sobre o público e perspectivas da evolução do acontecimento. Afinal, quanto mais valores-notícia, mais posição de destaque ocupa o assunto no veículo.

A doença era um mal novo, que rememorava à década de 1970 no que se refere ao lado escandaloso da sociedade, como o sexo, as drogas e a morte. Ainda assim, no começo da epidemia, as matérias sobre o tema não esclareciam tanto a questão para o público. Na concepção de Fausto Neto, não era possível detectar uma fala médica, mas falas múltiplas, que entoavam uma disputa de sentidos sem chegar a um consenso. Isso afetou os leitores "ao perceberem a não existência de um ponto de vista dominante e universal, concluindo-se, assim, que o discurso de mediação -o de saúde - é igualmente uma construção revestida de muitas suposições" (Neto, 1999, p.134).

Bom lembrar que a mídia brasileira passa a dar mais visibilidade à epidemia quando Markito, estilista famoso homossexual de São Paulo morre por causa da Aids, em 1983, simbolizando a entrada da epidemia no Brasil. A cobertura daí passa, então, a enfocar mais os acontecimentos nacionais, fazendo com que a mídia nacional se transformasse na primeira resposta vinda da sociedade civil à Aids. Os discursos midiáticos brasileiros, no começo da epidemia, focam nos aspectos trágicos da Aids, associando-a aos homossexuais, usuários de drogas e à promiscuidade. Depois, a cobertura da imprensa, mais informativa, decidiu destacar a esperança e o alerta em torno da patologia. Somente a partir dos anos 2000 o grau de noticiabilidade da doença diminui.

A Aids passou a perder força de noticiabilidade, tornando-se notícia principalmente seus aspectos mais animadores relacionados às novas descobertas científicas, sobretudo no campo da biomedicina, como na terapêutica (refletidos na diminuição dos índices mundiais de morte por aids e de novos casos da doença) e no vislumbre de uma possível vacina ou cura (Costa, 2019. p. 140).

²³ A Aids torna-se notícia mundialmente a partir de um artigo do cronista de medicina do jornal americano The New York Times, Laurence Altman. Na ocasião, ele informava o surgimento de uma doença que deixava os especialistas intrigados e assustava os gays de Nova York (Nascimento, 2005, p.82). No Brasil, porém, a doença se revelou entre 1981 e 1983.

Desde então, as fontes oficiais e cientistas têm atuado como vozes constantes na cobertura, apontando o papel da indústria farmacêutica e dos centros de pesquisa no agendamento da Aids.

4.1. Como a doença se torna um acontecimento?

Nelson Traquina (1999, p. 169) conceitua que “as notícias são um resultado de um processo de produção definido como a percepção, a seleção e a transformação de uma matéria prima (os acontecimentos) num produto (as notícias)”. É o jornal que vai decidir o que é ou não notícia, assim como qual conteúdo deve ser reverberado em detrimento de outro. Nessa lógica, a mídia faz isso quando, por exemplo, opta por ocultar o lado anônimo de Cazuza, ressaltando o lado rebelde e a opção sexual, sobretudo como justificativa para o diagnóstico da Aids, vemos um acontecimento sendo transformado em notícia. No mais, o autor observa que a cobertura da Aids caiu na rotina em 1989, quando a doença é enquadrada por duas formas na imprensa: acontecimento noticioso em desenvolvimento (a investigação científica que surge como notícia de forma cotidiana em publicação de revistas científicas) e acontecimento noticioso em continuação (a expansão da epidemia que aparece como notícia em publicações de estatísticas).

Para além disso, como discutido nas faculdades de jornalismo, e reiterado por Traquina, uma reportagem, proveniente de um dado acontecimento, conquista chamada na capa do jornal quando o periódico julga aquele assunto um dos mais importantes da edição daquele dia, isto é, de grande impacto social, interesse público, e, portanto, maior valor-notícia, considerando também o esforço de apuração do repórter bem como os recursos empregados na produção. "Nas sociedades atuais, o jornalismo coloca-se como um mediador entre os fatos da realidade e o seu público, selecionando aqueles acontecimentos que seriam de destaque e interesse para o conhecimento da opinião pública" (Costa, 2019, p.118). Na produção noticiosa, os valores-notícia são elementos a respeito do que deve ser levado em consideração na hora de selecionar quais fatos serão transformados em notícias jornalísticas.

Nesse viés, a teoria construtivista, surgida na década de 1970, considera a notícia como uma construção. A mídia, por sua vez, é participativa do processo de produção da realidade, bem como outros agentes sociais, enxergando, portanto, na doença de Cazuza uma oportunidade de gerar notícias a partir dos efeitos da Aids na vida pessoal, profissional e no corpo do artista. Esse campo discursivo recebe influência de lógicas da rotina produtiva, como a pressão do tempo e oferta de fontes, assim como da plataforma a ser usada para enviar a

notícia ao público (impresso, rádio, TV). Nesse âmbito, a notícia em torno do artista vai sendo construída de modo a ajudar e a consolidar a produção do sentido do processo do adoecer pelo qual atravessa Cazuza.

Sob tal ponto de vista, a iminência da morte, dada a curta expectativa de vida após o diagnóstico, impõe um ponto de ruptura catastrófico. Era necessário, então, descobrir uma forma de narrar aquele acontecimento inenarrável: "Se a história moderna é escrita a partir de uma sucessão de catástrofes, para a comunidade homossexual o HIV/AIDS seria o acontecimento catastrófico por excelência" (Ferreira, 2024, p. 144). O autor destaca que as catástrofes da contemporaneidade seriam marcadas pela destruição da esperança e o sobressalto da ideia de um progresso racional.

Com a insurgência desses acontecimentos desestabilizadores, o mundo ficaria refém de um tempo caracterizado pela descontinuidade e pelo caos. Ao falar de acontecimentos catastróficos não estamos nos valendo de mera metáfora. Estamos considerando as conturbações materiais, físicas e psicológicas desencadeadas por um acontecimento limite de natureza inédita. Portanto, catástrofe assume aqui seu sentido etimológico, na sua acepção grega, como um tempo de "revolvimento", como um "fim" com consequências frequentemente insuperáveis (Ferreira, 2024, p.144).

A catástrofe entendida como um fenômeno cultural significa dizer, na visão do autor, que sua natureza traumática está inscrita em uma atmosfera representativa que ajuda a encontrar o acontecimento e seus sujeitos no mundo dos sentidos construídos no jornalismo. Ainda sobre o ponto de vista da construção de um acontecimento no jornalismo, Costa (2019, p.127) pontua que há uma retomada de memórias sobre outros fatos já noticiados outrora, exemplificando a forma pela qual o jornal noticia uma epidemia como a Aids, uma vez que "rememora identidades coletivas, preconceitos, sensações de medo e pânico, sentidos sobre riscos, de perigos reais ou imaginários, seja para reforçá-los ou para ressignificá-los discursivamente" (Costa, 2019, p.127). Assim, para a autora, o jornalismo lança sentidos atribuídos no passado a temas relacionados à notícia em questão, bem como silenciamentos e esquecimentos.

4.2. A primeira notícia sobre a “doença misteriosa” no *O Globo* e *Folha*

A primeira notícia sobre a Aids — ainda nomeada “doença misteriosa²⁴” —, no jornal *O Globo*, foi publicada em 11 de dezembro de 1981, com uma escrita carregada de estereótipos, sobretudo versados na relação de causa e efeito entre homossexuais, drogas e Aids. Em meio ao conservadorismo da época, a matéria endossava o desprezo à diversidade e a opção sexual de parte da população.

Homossexuais masculinos, em particular os viciados em drogas, estão sujeitos a uma enfermidade misteriosa, que reduz a imunidade natural às infecções e, com frequência, os leva à morte. A síndrome, recém descoberta, é tão nova que ainda não recebeu denominação, informaram cientistas de três centros médicos americanos, na última edição da revista New England Medicine (O Globo, 1981, p.15).

Vemos, a seguir, que a manchete “Doença misteriosa leva à morte os homossexuais” garante lugar privilegiado na página da editoria Mundo do jornal aqui analisado.

²⁴ A doença passou a ser conhecida como Aids somente em 1982. Os primeiros casos ocorreram nos Estados Unidos, no Haiti e na África Central, entre 1977 e 1978. Já o Brasil teve a primeira notificação em 1980, em São Paulo (Cassino; Guimarães, 2005).

Figura 3 - “Doença misteriosa” no *O Globo*, 11 de dezembro de 1981



(Foto: Acervo *O Globo*²⁵)

²⁵ Disponível em:

https://duyt0k3aayxim.cloudfront.net/PDFs_XMLs_paginas/o_globo/1981/12/11/01-primeiro_caderno/ge111281_015INT1-1234_g.jpg. Acesso em: 21 de ago. 2024.

Figura 4 - Box “doença misteriosa” no *O Globo*, 11 de dezembro de 1981

**CIÉNCIA
E VIDA**

***Doença
misteriosa
leva à morte
os homossexuais***

Homossexuais masculinos, em particular os viciados em drogas, estão sujeitos a uma enfermidade misteriosa, que reduz a imunidade natural às infecções e com frequência os leva à morte. A síndrome, recente-descoberta, é tão nova que ainda não recebeu nomeação, informaram cientistas de três centros médicos americanos, na última edição da revista “New England Journal of Medicine”.

Embora se tenham constatado também casos em heterossexuais, as vítimas mais comuns da moléstia são homens homossexuais, que em geral contraiem um tipo raro de pneumonia, o câncer no estômago ou nas pernas. O primeiro sintoma é perda de peso, e alguns pacientes sofrem erupções de herpes difíceis de debelar.

Ao relatar as pesquisas de equipes de especialistas de Los Angeles e Nova York, a revista disse que, segundo tudo indica, os homens transmitem a deficiência imunológica através dos contatos sexuais. A causa da deficiência seria o enfraquecimento devido a repetidas infecções por um vírus que comumente afeta homossexuais.

DROGAS PIORAM

O índice de mortalidade é elevado: dois terços dos 19 pacientes observados morreram em consequência de infecções por microorganismos resultar a que a maioria das pessoas se expõe diariamente sem prejudicá-las para a saúde. A doença parece estar se disseminando, e a cada semana tem-se conhecimento de cinco ou seis novos casos. No entanto, a enfermidade raramente ataca mulheres, só se tendo registrado até agora uma única portadora.

A debilidade do sistema de imunização orgânica ocorre em pessoas que receberam drogas para diminuir a possibilidade de rejeição de órgãos transplantados, ou para tratamento de certas enfermidades crônicas. Quanto à nova síndrome, uma possível causa da falha imunológica, ou pelo menos um fator agravante, seriam as chamadas drogas afrodisíacas, como os nitritos inalados, assinalaram os especialistas.

(Foto: Acervo *O Globo*²⁶)

Além de "doença misteriosa", a Aids também era denominada câncer gay²⁷, peste gay e peste rosa. Esses adjetivos pejorativos conferem uma conotação negativa à doença e aos doentes, que eram vistos como danosos à sociedade ou como um peso social. Susan Sontag (2007) também faz uma reflexão acerca da opção sexual como fator de risco para a Aids. A autora menciona que a Aids evoca todas as formas de sexualidade como promíscuas (perigosas) com exceção da união monogâmica estável: “o medo da sexualidade é o novo

²⁶ Disponível em:

https://duyt0k3aayxim.cloudfront.net/PDFs_XMLs_paginas/o_globo/1981/12/11/01-primeiro_caderno/ge111281015INT1-1234_g.jpg. Acesso em: 21 de ago. 2024.

²⁷ A doença, inicialmente, era chamada pela imprensa de "câncer gay", "mal de homossexuais", "peste gay", "sarcoma de Kaposi". Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/3/20/mais!/13.html>. Acesso em 15 de out. de 2024.

registro, patrocinado pela doença, do universo de medo no qual todos vivem agora" (Sontag, 2007, p. 134 e 135).

Na mesma linha, o jornal *Folha de S. Paulo* noticia, somente em novembro de 1982, o surgimento²⁸ da Aids (ainda considerada uma síndrome pouco conhecida). Mais uma vez, pode-se ver a vaga descrição da doença (fraqueza, febre e perda de peso) e o fato de a pessoa ser homossexual estar associado à causa da doença.

Todos os doentes são homossexuais masculinos, que não se conhecem entre si e que residem em grandes centros dos Estados Unidos. Os sintomas são diversos, desde uma grande fraqueza física e febre persistente até a perda de peso e de apetite. Esse quadro, aparentemente banal, transforma-se rapidamente em caso grave (Folha de S.Paulo, 17/11/ 1982, p.9)

²⁸ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2905201108.htm>. Acesso em: 9 de out. 2024.

5. A MORTE DE CAZUZA IMPRESSA EM O GLOBO E NA FOLHA DE S.PAULO

Entre os dias 8 e 15 de julho de 1990, os jornais *O Globo* e *Folha de S.Paulo* abordam a morte de Cazuza como notícia por meio de reportagens, textos de colunas e inserções, como o anúncio da missa em homenagem ao artista. Apesar de ambos retratarem o acontecimento do falecimento, há ausências e diferenças na maneira pela qual isso é feito. Trataremos, adiante, de maneira mais detalhista, dos aspectos editoriais, da linguagem adotada e do discurso escolhido nessas matérias que repercutiram a morte de Cazuza. Cabe dizer que optamos por inserir imagens, neste trabalho, não de todas as edições analisadas, mas aquelas que mais nos chamaram atenção por algum aspecto específico, seja devido a um título ou à composição gráfica da página. E, da mesma forma, colocaremos transcrições de trechos de reportagens que julgarmos a leitura pertinente para que o leitor deste trabalho acadêmico possa melhor acompanhar e visualizar nossa análise.

Segundo Fausto Neto (1991, p.124), Cazuza não só desempenha função de objeto das enunciações jornalísticas, mas se constitui num objeto linguístico. Nessa conjuntura, para o autor, Cazuza funciona como um operador de identificação na construção do discurso jornalístico, já que, de maneira gradativa, um enunciado linguisticamente próprio constitui um campo próprio semântico em jornais, no que se refere à hierarquia de capas e páginas internas. Essa tática enunciativa tem objetivo de capturar o leitor. Além disso, Neto pondera que a morte, tal como a doença, é colocada, pela imprensa, em debate na sociedade como um “cerimonial público”, sendo o compositor e a comunicação de massa, viabilizada por meio de um jornal impresso. Ainda de acordo com Neto, Cazuza foi elevado a um incansável lutador, que não se deixava abater pela doença, da volta por cima, por meio do lançamento de novas obras artísticas.

A mídia, ao mesmo tempo em que co-engendra um ceremonial próprio desta doença-morte, também aponta para um ceremonial privado vivido pelo artista que, no interior do seu padecimento, desloca-se, por onde pode - sobretudo pelo trabalho e exposição das suas ações - para criar um contraponto à sua enfermidade, possivelmente tentando escapar do ancoradouro letal (Fausto Neto, 1991, p.124).

No domingo, dia 8 de julho de 1990, a partida do letrista, que lutou até o fim pela vida e pela arte, já era destaque no topo da capa da Edição 20.682 de *O Globo*, com reportagens nas páginas 59A e 59B. A diagramação colocou a notícia da morte de Cazuza como protagonista da página e da edição, dada tamanha relevância do artista no cenário musical, na luta pela liberdade e na aura de celebridade que o moldou nos anos de sucesso. Nesse sentido, observa-se a inserção de um box com destaque visual, que apresenta duas colunas de texto

com informações resumidas sobre sua morte. Ainda no centro, agora, acima do texto, a edição optou por escrever, em caixa alta, o nome “Cazuza”, colocando abaixo o ano de nascimento e morte do compositor. Junto a isso, observamos um contraste de emoções alcançado pelas imagens de Cazuza cantando, de forma intensa, em seu último show, no Canecão²⁹, e a do caixão, com seu corpo, sendo carregado por amigos do artista, fotos posicionadas à esquerda e à direita da página, respectivamente.

²⁹O Canecão era uma das principais casas de shows do Rio de Janeiro localizada em Botafogo, na Zona Sul.

Figura 5: Capa do jornal *O Globo*, 8 de julho de 1990(Foto: Acervo *O Globo*³⁰)

Observamos, a seguir, as palavras escolhidas para construir frases e orações de modo a mobilizar certos sentidos no texto e na memória cultural do público. Nessa conjuntura, não se pode esquecer da linguagem, aplicada no discurso, enquanto ferramenta de domínio e formação da opinião pública, principalmente quando se trata de um meio de comunicação de massa, como um jornal impresso. Quando um periódico decide empregar um adjetivo, em detrimento de outro, ou uma frase no início do lide ou não, está fazendo uma escolha estratégica, pensando em como aquele que lê irá receber aquela informação.

³⁰ Disponível em:

https://d2a9xce884pp5y.cloudfront.net/PDFs_XMLs_paginas/o_globo/1990/07/08/01-primeiro_caderno/ge080790001PRI1-1234_m.jpg. Acesso em: 21 de ago. 2024.

O cantor e compositor Cazuza morreu dormindo, ontem, aos 32 anos e com apenas 38 quilos, às 8h30m, no apartamento de seus pais João e Lucinha Araújo, em Ipanema, bairro onde nasceu e foi criado. Vítima de choque séptico, após sofrer um edema pulmonar, Agenor de Miranda Araújo Neto foi rebelde e exagerado até o último instante — apesar da doença, fumou um cigarro antes de se deitar —, coerente com os seus versos e com a própria vida de quem se rebelou até contra Aids, reagindo três longos anos à doença, às infecções que sobrevieram e a um desejo de suicídio sufocado em 1988 por vontade maior de viver, Só não morreu solitário: muitos amigos e companheiros de profissão estavam entre as quase 500 pessoas que cantaram suas músicas no seu enterro, ontem mesmo, às 16h, no Cemitério São João Batista. Ele deixa gravadas 14 canções inéditas (O Globo, domingo, 8 de jul. de 1990, p.1)

Para Gislene Silva, a mídia atuaria neste rito fúnebre de duas maneiras: “integrante do ceremonial, porta-voz de proclamação pública, da dor e do pranto dedicado ao defunto e, comercialmente, nos anúncios de falecimento, como veículo de publicidade paga da ocorrência (2012, p.466)”. O texto da capa desta edição descreve Cazuza como “rebelde e exagerado até o último instante”, fazendo um trocadilho com o hit Exagerado, e uma espécie de julgamento ao utilizar o advérbio “apesar”, ao falar que o artista fumou apesar da doença, de modo a responsabilizar o cantor, que quis fumar um cigarro, pela partida precoce. Destaca-se, novamente, o termo “rebelde”, porém, uma palavra derivada, “rebelou”, ao elogiá-lo e dizer que ele “se rebelou até contra Aids, reagindo três longos anos à doença, às infecções que sobrevieram e a um desejo de suicídio sufocado em 1988 por vontade maior de viver (O Globo, domingo, 8 de jul. de 1990, p.1)”.

Na página 59A já observamos, de fato, reportagens, de forma mais detalhada, da morte de Cazuza, assim como um breve histórico de sua vida, com foco na doença. O jornal reserva uma página inteira dedicada à vida, obra e morte de Cazuza. No topo da página, há uma coluna de texto inserida entre duas imagens: uma de Cazuza, com sua conhecida boina, sorridente, à esquerda, e outra, à direita, do artista deitado, um pouco debilitado, já nos últimos momentos de vida. Mais uma vez, nota-se, por meio de fotos, o contraste vida-morte. O texto é, em suma, igual ao colocado na capa do jornal desta data. Na página ainda temos um espaço "Amigos lembram a obra e o homem" (O Globo, domingo, 8 de jul. de 1990, p.59-A) destinado a depoimentos de amigos sobre a obra e a figura de Cazuza. Dentre os nomes, o prefeito da época, Marcello Alencar, o cantor e compositor Roberto Frejat, o produtor musical Ezequiel Neves, o cantor Ney Matogrosso, o cantor e como cantor e compositor Caetano Veloso, o escritor Gilberto Braga, o ator Tony Ramos, Roger, do Ultraje a Rigor e Marcelo Fromer do Titãs. Elogios vindos de outros ídolos e celebridades, sobretudo da arte, ajudam a construir a memória daquele que será, conforme o que fez em vida, eterno. Esse efeito torna-se ainda mais perceptível quando é publicado no jornal lido por um amplo público.

Manifestações públicas de autoridades, personalidades, artistas, políticos e intelectuais conhecidos são de grande importância para a imprensa que acompanha minuciosamente quem fez homenagens, participou do velório, do enterro, de missas, envia mensagens à família (Helal e Cataldo, 2004, p. 12).

A matéria de baixo, incluindo textos e imagens, toma mais da metade da página. Em um primeiro plano, considerando o aspecto visual, destaca a emoção de familiares, amigos e figuras públicas no enterro de Cazuza, no Cemitério São João Batista, em Botafogo, na Zona Sul do Rio. Nesse aspecto, para ajudar a estruturar o sentimento de luto e homenagens ao poeta, vemos, sobretudo, aspas (sonoras³²) da família. Gislene Silva, em seu artigo, reflete que só conseguimos acessar e experimentar a morte via o outro. E questiona: "se a imprensa se constitui no e pelo relato da experiência do outro, o que, então, o jornalismo faz ou deixa de fazer com a experiência do leitor/telespectador diante da morte noticiada?" (Silva, 2012, p.467).

O título escolhido "Morre o poeta rebelde dos anos 80" (O Globo, domingo, 8 de jul. de 1990, p.59-A) e a imagem do fotógrafo Guilherme Bastos, se encaixam, de modo funcional, como peças de um quebra-cabeça coerente e coesivo. A foto transmite o sofrimento do amigo Bineco Marinho e da mãe, que choram ao lado do caixão de Cazuza coberto de

³² Entrevista com uma pessoa que testemunhou ou é especialista em algo.

flores. A consternação registrada pela lente evidencia o significado da notícia daquela morte dado o tamanho de Cazuza enquanto artista, celebridade e ente familiar.

A morte, apesar de ser uma temática polêmica e complexa, em suas transmissões midiáticas, na maioria das vezes, tem uma forma de apresentação bastante similar, baseada na espetacularização e na exploração dos sentimentos dos envolvidos nos casos. As lágrimas dos parentes dos falecidos geralmente fazem parte das narrativas televisivas e das fotos dos impressos. Da mesma forma que depoimentos emocionados, na maioria das vezes, são apresentados (Negrini, 2016, p.42).

Apesar de haver uma divisão na página, por meio do título "Morre o poeta rebelde dos anos 80", somos capazes de perceber que, apesar de a estrutura estar no início do texto, o primeiro parágrafo não se trata de um lide convencional, uma vez que, acima, já nos foi dada a informação principal, respondendo às perguntas básicas, conforme aprende-se na faculdade de jornalismo: o que, como, onde, por que, quando e quem. Desse modo, o texto já traz um aprofundamento sobre o assunto, partindo para noticiar o velório e sepultamento de Cazuza. Para fisgar o leitor, e entregar detalhes, o texto lança mão de um artifício de apelo emocional. "Pouco antes de adormecer, tomou banho, pediu um milk shake de creme à mãe e, apesar da proibição médica, fumou um cigarro" (O Globo, domingo, 8 de jul. de 1990, p.59-A), inicia a matéria, rememorando gostos da vida particular de Cazuza e ativando o emocional de quem lê.

Adiante, há relatos dos últimos momentos da vida do artista, vítima das complicações da Aids: "Segundo João Araújo, as últimas 48 horas foram muito difíceis para o cantor. Nesse período, ele já não ingeria mais alimentos sólidos. [...] O cantor respirava com muita dificuldade, devido ao edema pulmonar" (O Globo, domingo, 8 de jul. de 1990, p.59-A). No último sábado de vida, "por volta das 6h, a enfermeira Márcia de Jesus, que cuidava do cantor, chamou a mãe Maria Lúcia da Silva Araújo, e avisou que ele estava morrendo" (O Globo, domingo, 8 de jul. de 1990, p.59-A). O texto segue, dizendo que o médico chegou às 7h, encontrou Cazuza ainda vivo, mas já agonizando. Na reportagem do *O Globo* de 1990 também trouxe uma declaração da mãe dele. Ela lembrou que seu filho foi o "primeiro aidético que mais se expôs", complementando dizendo ter esperanças para a cura da Aids: "Meu filho não teve tempo de esperar, mas estou certa de que aparecerá um remédio. Não é possível que essa doença continue matando em todo o Mundo" (O Globo, domingo, 8 de jul. de 1990, p.59-A). Hoje, 34 anos depois dessa fala, apesar dos avanços da medicina internacional, a Aids ainda não tem cura.

Adiante, observamos reportagens, de forma mais detalhada, da morte de Cazuza, assim como um breve histórico de sua vida, com foco na doença. O jornal reserva uma página

inteira dedicada à vida, obra e morte de Cazuza. No topo da página, há uma coluna de texto inserida entre duas imagens: uma de Cazuza, de boina, sorridente, à esquerda, e outra, à direita, do artista deitado, um pouco abatido, já nos últimos momentos de vida. Mais uma vez, nota-se, por meio de fotos, o contraste vida-morte. O texto é, em suma, igual ao colocado na capa do jornal desta data. O texto termina em tom poético com um toque de suspense ao leitor, ao destacar o tom de alerta na fala do médico Paulo Lopes, que avidou à família que não tinha mais nada a fazer, pois “a situação era desesperadora.”

Enquanto a notícia da morte de Cazuza aparece em destaque, no topo da capa do jornal *O Globo* do dia 8 de julho de 1990, a *Folha de S.Paulo* opta por noticiar o fato em um box ao final da capa, no canto inferior direito, junto a uma foto de Cazuza encarando a câmera, diferente do que fez *O Globo*, que, junto ao texto, inseriu uma imagem do caixão e, do outro lado, uma foto de Cazuza segurando o microfone, cantando.

Figura 7 - Capa da *Folha de S.Paulo*, 8 de julho de 1990(Foto: Acervo Digital Folha³³)

O lide é escrito de maneira semelhante ao do periódico concorrente, trazendo informações basilares, como o qualificante "cantor e compositor" para descrever Cazuza,

³³ Disponível em

<https://acervo.folha.com.br/digital/leitor.do?numero=11018&keyword=Cazuza%2CCazuza&anchor=4052385&origem=busca&originURL=&maxTouch=0>. Acesso em 18 de nov. 2024.

além da hora da morte, idade, peso, causa e local da morte. Diferentemente, porém, a Folha opta por encerrar o pequeno texto dizendo a última refeição de Cazuza: um *milkshake*. Bom lembrar que *O Globo* só o faz na reportagem de dentro do jornal, e não na chamada da capa.

O cantor e compositor Agenor de Miranda Araújo Neto, o Cazuza, morreu às 8h30 de ontem. Tinha 32 anos. Pesava 38 quilos. Insuficiência respiratória e edema pulmonar provocaram parada cardíaca. Cazuza sofria de Aids, diagnosticada em 87. O enterro foi no cemitério São João Batista, no Rio. Cazuza morreu na casa dos pais, onde estava desde março. Um *milkshake* foi sua última refeição (Folha de S.Paulo, domingo, 8 de jul. de 1990, p.1).

O jornal paulista aprofunda a notícia, nas próximas páginas, em uma reportagem do caderno de Cidades, na página C-1. A matéria faz no título um trocadilho com o nome da canção que revelou Cazuza, ao grafar que "O 'exagerado' Cazuza morre aos 32". Também ao contrário do *Globo*, o jornal revela somente na matéria de dentro, e não na capa, o fato de o cantor ter deixado 14 músicas inéditas que deveriam ser transformadas em um LP.

O cantor e compositor Cazuza, apelido de Agenor de Miranda Araújo Neto, morreu aos 32 anos, às 8h30 de ontem, de parada cardíaca provocada por insuficiência respiratória e edema pulmonar, segundo informou seu pai João Araújo. Cazuza sofria de Aids, diagnosticada em outubro de 1987. Ele deixou 14 músicas inéditas, que devem ser transformadas em um LP (Folha de S.Paulo, domingo, 8 de jul. de 1990, p. C1)

A estrutura (texto, dados e foto) dessa primeira reportagem da *Folha de S.Paulo* a respeito da cobertura da morte de Cazuza converge com a do jornal *O Globo*. No entanto, o periódico não costura no texto sonoras de familiares, por exemplo. Vemos, somente, citações indiretas às palavras do pai, João Araújo, o que pode ser detectado em trechos, como "Segundo João Araújo, a crise respiratória e pulmonar de Cazuza começou" e "João Araújo disse que, como pai, se sentia 'orgulhoso' da disposição de Cazuza" (Folha de S.Paulo, domingo, 8 de jul. de 1990, p. C1).

Figura 8: Capa do caderno de Cidades da *Folha de S.Paulo*, 8 de julho de 1990



(Foto: Acervo Digital Folha³⁴)

³⁴ Disponível em

<https://acervo.folha.com.br/digital/leitor.do?numero=11018&keyword=Cazuza&anchor=4052831&origem=busca&originURL=&maxTouch=0&pd=eb04bab782a75cc6c2ddd78581b6ed&f>. Acesso em 18 de nov. 2024.

Um ponto a se observar, no que se refere ao comparativo com a cobertura do jornal de Marinho, é que a *Folha* reserva somente menos da metade de uma página para a primeira reportagem sobre a morte do artista. Por outro lado, como vimos há pouco neste trabalho, *O Globo* não economizou tinta e caracteres ao dedicar uma página inteira para a primeira matéria a noticiar o acontecimento. Mais à frente, na página C-3 (Cidades), vemos que a Folha começa a se aprofundar no assunto e faz um retrospecto do que Cazuza construiu em vida, com foco nos últimos cinco anos de vida, e escreve como, conforme o título escolhido pela edição, "Doença e carreira se confundiam desde 1985" (Folha de S.Paulo, domingo, 8 de jul. de 1990, p. C-1).

Figura 9 - “A morte de Cazuza” na *Folha de S.Paulo*, 8 de julho de 1990



(Foto: Acervo Digital Folha³⁵)

Em resumo, o texto em análise destaca que os primeiros sintomas da Aids começaram em 1985, quando Cazuza contraiu mononucleose e teve febre diariamente neste ano. O diagnóstico só veio em outubro de 1987, quando se internou no Rio e, em novembro, nos Estados Unidos. No início de 1988, voltou ao Brasil dez quilos mais magro, mas negava a doença. Cazuza só admitiria em 1989. O jornal frisa que, mesmo com as visíveis

³⁵ Disponível em

<https://acervo.folha.com.br/digital/leitor.do?numero=11018&keyword=Cazuza&anchor=4052854&origem=busca&originURL=&maxTouch=0&pd=82eb92a50335bd5e01b0b822f86d4983>. Acesso em: 18 de nov. 2024.

complicações, o exagerado fazia jus ao adjetivo: cuspiu na bandeira brasileira durante apresentação do show "Ideologia", em outubro de 1988, no Canecão, brigou com o público na turnê de 89, no Nordeste, tirou a roupa no palco e fez alusões à Aids. Após a turnê, ele voltou a ser hospitalizado nos EUA.

Foi em fevereiro de 1989 que Cazuza reconheceu publicamente que estava com Aids pela primeira vez, em entrevista à Folha, conduzida pelo então jornalista do grupo Zeca Camargo. Na volta ao Brasil, começou a gravar um disco, às vezes sentado, outras, deitado. Após voltar a se internar, em abril e maio, cancelou vários shows que faria em cadeira de rodas. Esse trecho presente no texto que fala sobre uma interrupção na agenda de shows devido à situação de saúde do cantor, pode ser caracterizado como voltado à venda, pois evidencia as apresentações que o compositor faria. Nesse viés, o lucro com as vendas (resultantes da arrecadação do valor dos ingressos) e a memória dos fãs podem ser afetados por esse motivo. Em outubro, se internou em São Paulo para "melhorar o estado físico" e viajar a Boston, onde se trataria com ddI, droga alternativa ao AZT, que tomava há 18 meses. Parte para Boston no dia 24, mas não começa o tratamento, O ddI é incompatível com o remédio que vinha tomando para combater uma infecção causada por citomegalovírus", escreve o jornal.

Notamos, também, um subtítulo dedicado à mãe, Lucinha Araújo, que lembra como foi a última vez que Cazuza saiu de casa, na última segunda-feira de vida, para tomar água de coco na praia da Barra da Tijuca com amigos, ocasião de comemoração da chegada de Nova York da amiga Denise Dumont. Apesar da situação, em tese de alegria, Agenor, segundo conta ao jornal a mãe, "Cazuza falava pouco e se mostrava tristinho" (Folha de S.Paulo, domingo, 8 de jul. de 1990, p. C-1). Vemos aqui, por parte da edição, o uso do artifício do apelo emocional, relembrando os últimos momentos de Agenor que, em maio, ainda de acordo com Lucinha, teria feito diversos passeios de barco em Angra dos Reis, na casa de praia dos pais, e, de volta ao Rio, comprado presentes em um shopping de São Conrado para todos as pessoas que estavam com ele.

O texto, ao usar esse depoimento da mãe, descontina ao leitor a ideia de Cazuza enquanto artista e o revela como "mero mortal", no linguajar popular, "gente como a gente". A sequência de relatos mostra o cantor como alguém próximo do público, que, como qualquer outra pessoa, gostava de sair, tomar água de coco na praia ou fazer compras no shopping. A ida de Cazuza ao show do amigo Caetano Veloso, no Canecão, em Botafogo, também ganha destaque nesta reportagem. Conforme traz a matéria, "segundo Bineco Marinho, Cazuza manteve o tempo todo a irreverência, principal característica da sua personalidade". As

situações presentes no texto escrito em torno de memórias de Lucinha sobre seu filho podem gerar imagens na mente do público, que passa a ter mais curiosidade em saber mais sobre quem era o músico que morreu.

Abaixo, o jornal encontra talvez uma das formas mais importantes de homenagear o cantor fazendo uso de recursos visuais da própria disposição do texto. A Folha elenca uma série de frases carregadas de polêmica atribuídas a Cazuza: "A Aids é um complô contra a sacanagem e eu não admito acabar com a sacanagem em hipótese alguma", "Tenho fantasia de ficar para sempre com uma pessoa só, ter filhos, constituir família. Mas minha vida desdiz isso", "A doença é metade do corpo, metade karma - uma metáfora da qual você precisa se livrar. Saí da doença com o corpo fraco e a cabeça forte", "A droga foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida. Abriu a minha cabeça", "Viva a Erundina. E que todo brasileiro tenha comida e sexo em exagero", "Estou ótimo, segundo todos os exames. Mas posso morrer amanhã", "Sexo ainda é importante para mim. Não sou um aidético casto" (Folha de S.Paulo, domingo, 8 de jul. de 1990, p. C-1).

Ao final da página, há um terceiro componente construtor de sentidos: uma análise do tema assinada pelo então editor de Cidades da Folha, Mauricio Stycer. "Cazuza morre como mártir de uma geração de céticos e individualistas", diz a primeira frase do comentário. Stycer lembra, como era fácil para Cazuza percorrer diferentes vertentes da cultura, sobretudo a música. "Transitando com incrível facilidade entre o que era e o que representava em público, encontrou as condições ideais para chocar e seduzir", escreve. O jornalista descreve como as músicas de Cazuza acompanharam suas fases. Deixando de lado as polêmicas do poeta de uma geração, Maurício Stycer conclui, saudando a arte. "Cazuza deve ser lembrado pelo que fez de melhor: poemas brilhantes, transformados em música e registrados em seus discos" (Folha de S.Paulo, domingo, 8 de jul. de 1990, p. C-1).

Vamos, agora, à última menção à morte de Cazuza da edição de 8 de julho de 1990 da *Folha de S.Paulo*. Na página seguinte, C-4, o jornal faz questão de dizer no título da reportagem que o "cantor foi expulso do colégio na adolescência" (Folha de S.Paulo, domingo, 8 de jul. de 1990, p. C-4), o que pode induzir o leitor a traçar um perfil de Agenor valendo-se de recursos pejorativos e, porque não, apelativos. Pois, se pensarmos com base no senso comum, geralmente, quem é expulso da escola faz bagunça ou foge do padrão de comportamento esperado socialmente.

Figura 10 - Cantor expulso do colégio na adolescência, *Folha*, 8 de julho de 1990



(Foto: Acervo Digital Folha³⁶)

É possível, pois, inferir um tom sensacionalista e tendencioso na escolha desse título, pois somente no terceiro parágrafo da reportagem que aparece a informação da expulsão do colégio. Antes ou depois do terceiro parágrafo, não há qualquer outra relação com o título. O

³⁶ Disponível em:

<https://acervo.folha.com.br/digital/leitor.do?numero=11018&keyword=Cazuza&anchor=4052880&origem=busc&&originURL=&maxTouch=0&pd=187420bfd34da312c236ed6c8b2bb562>. Acesso em 18 de nov. 2024.

texto trata-se, na verdade, de um compilado da carreira de Cazuza, como uma pequena biografia dele: há informações de nascimento, escola da infância, criação familiar, passagem pelo Barão Vermelho e hits de sucesso.

"O que deveria ter sido apenas mais um show da banda de rock Legião Urbana, sábado à noite no Jockey Club Arena, acabou se transformando numa homenagem ao cantor e compositor Cazuza" (O Globo, segunda-feira, 9 de jul. de 1990, p. 6), diz o lide da matéria de *O Globo* do dia 9 de julho de 1990, sobre a cobertura da apresentação de mais de duas horas do grupo de Renato Russo no dia da morte de Agenor. Para se referir a Cazuza, o texto da página 7 da seção "Grande Rio" o descreve como "vítima da Aids", em vez de optar por termos pejorativos, comuns no contexto da época para se referir a pacientes da doença, como "aidético", de forma que o fato de a pessoa ter o vírus no organismo se sobreponesse ao fato de, antes de ser paciente, haver um ser humano com uma história de vida única. Assim, a leitura que se pode ter é que o adjetivo "aidético" substitui, a saber, as construções linguísticas "pessoa com Aids" ou "pessoa portadora do vírus HIV". No mais, a reportagem opta por um título simplista, mas faz uso do verbo "dedica" ao dizer que o grupo homenageou Cazuza no show. Para ilustrar a matéria, *O Globo* insere uma foto do concerto de Renato Russo com a mão esquerda levantada e punho cerrado, e a direita segurando o microfone.

No mesmo dia, a coluna SWANN, assinada por Ricardo Boechat, registra uma pequena nota em memória de Cazuza: "O Brasil está muito mais pobre com a sentida e prematura morte do poeta Cazuza" (O Globo, segunda-feira, 9 de jul. de 1990, p. 6).

No dia 9 de julho de 1990, a *Folha de S.Paulo* noticia, na capa do caderno de cultura "Ilustrada", a decisão de Lúcia Araújo, sobre o lançamento do LP póstumo com as músicas inéditas Cazuza. A gravadora Polygram passaria o projeto do disco à mãe para que ela decidisse se o LP seria lançado no mercado.

Enquanto, por exemplo, a edição do dia 10 de julho de 1990 do jornal fundado por Irineu Marinho opta por não noticiar nenhum fato acerca de Cazuza, o veículo dirigido por Otavio Frias Filho usa um pequeno espaço da coluna de Joyce Pascowitch para mencionar que Renato Russo, no show do Legião Urbana do dia anterior, tinha feito uma homenagem a Cazuza, e jogado cinco rosas brancas para a plateia.

O show do Legião Urbana sábado no Jockey Club do Rio -que reunia mais de 50 mil pessoas - foi aberto em clima de flower-power. Depois de dedicar o concerto a Cazuza, - um amigo que também gostava de meninas e meninos -, Renato Russo jogou cinco rosas brancas para a plateia (Folha de S.Paulo, terça-feira, 10 de jul. de 1990, p. E-2)

A edição de 11 de julho faz referência à morte de Cazuza na coluna Painel do Leitor, onde o público pode enviar ao jornal sua opinião, como uma carta de até 15 linhas, acerca de um dado assunto. Para o leitor Luís Fernando M. Perez (SP), "O cantor e compositor Cazuza não foi só uma bandeira contra a Aids. Acima de tudo, ele mostrou o sentido de viver. Por mais difícil que seja levar a vida, viver é produzir (Folha de S.Paulo, quarta-feira, 11 de jul. de 1990, p. A-3)". Importante ressaltar, neste momento, que o Painel do Leitor é um espaço destinado a receber comentários de leitores sobre temas noticiados naquela semana ou assuntos de grande repercussão ali presentes na época. O fato de o jornal ter selecionado tais cartas de leitores, a respeito da morte de Cazuza mostra dois pontos: a decisão de a *Folha* usar esse outro recurso para falar do cantor (além de matérias, reportagens, notas ou convite de missa de sétimo dia) e o quão querido a figura do artista era na sociedade, seja pela arte ou pelas polêmicas.

Na primeira quarta-feira (11) após a morte do compositor, a coluna de Ricardo Boechat noticiou que João Araújo entregou à Polygram matizes das fitas de 14 músicas inéditas de Cazuza para que fossem gravadas, e a renda, revertida para o tratamento de pessoas com Aids.

João Araújo, pai de Cazuza, entregou à Polygram as matrizes das fitas das 14 músicas inéditas de seu filho, para que sejam gravadas. A família do cantor vai destinar ao tratamento de aidéticos toda a renda da venda do disco (O Globo, quarta-feira, 11 de jul. de 1990, p.8)

Já as edições dos dias 12 e 13 de julho de *O Globo*, para falar sobre o artista, limitam-se a publicar, na seção de falecimentos, comunicados para a missa de sétimo dia de Cazuza, a ser realizada no Arpoador, Zona Sul. A página traz três destaque com o anúncio para a cerimônia: um assinado pelos pais João e Lucinha, outro com versos da música "Baby Suporte" (Barão Vermelho, 1984), assinados por funcionários da SIGLA, SIGEM, RGE e GLOBO VIDEO e, por fim, por colaboradores da Polygram. É válido destacar que essa seção do jornal é paga. Assim como n'*O Globo*, a Folha inclui, no dia 12 de julho, na aba de falecimentos, espaço pago (e, pois, não se trata de conteúdo jornalístico), um comunicado para a missa de sétimo dia de Cazuza, a ser realizada no dia 13. Mas, diferentemente, aqui, há apenas um comunicado assinado por colaboradores da Polygram, mas nenhum assinado pelos pais de Cazuza ou por funcionários da SIGLA, SIGEM, RGE e GLOBO VIDEO.

No dia 13, foi publicado mais um anúncio para a missa de sétimo dia, no jornal de Marinho, desta vez incluindo convite assinado por funcionários da SIGLA, SIGEM, RGE e GLOBO VIDEO.

Figura 11 - comunicado no *O Globo* da missa de sétimo dia, 13 de julho de 1990



(Foto: Acervo Digital O Globo³⁷)

Em oposição ao que observamos n'*O Globo*, nesta mesma data, a Folha, além de trazer o comunicado da missa de sétimo dia de Cazuza, traz uma nota, atualizando sobre a situação das últimas músicas gravadas por Cazuza. Na nota da coluna de Joyce Pascowitch, "por decisão de Lucinha e João Araújo, serão lançadas em disco - com renda revertida para as vítimas de Aids". Contudo, cabe lembrar que essa informação havia sido antecipada por Ricardo Boechat, no jornal *O Globo*, no dia anterior.

Cazuza também fez-se presente no Painel do Leitor da *Folha* dos dias 13 e 14 de julho de 1980. No 13º dia de julho, o jornal escolheu publicar essas cartas: "Que a vida e a morte de

³⁷ Disponível em:

<https://duyt0k3aayxim.cloudfront.net/PDFs_XMLs_paginas/o_globo/1990/07/13/01-primeiro_caderno/ge130790014RIO1-1234_g.jpg>. Acesso em: 21 ago. 2024.

Cazuza sirvam de exemplo para as pessoas fracas, que estão no mundo mas perderam a viagem", disse Maria da Graça Biatto (SP). "Foi com muita dor e tristeza que soube da morte de Cazuza. Morreu o maior poeta da minha geração", escreveu Luciene Pinto Rosa (SP). Por fim, Clovis Ribeiro, também de SP, registrou sobre a partida de Cazuza: "para esse poeta barroco moderno que passou por essa vida e viveu intensamente, segue minha oração". No dia 14, o leitor Siro Casanova, de SP, escreveu: "Enquanto nossos heróis (Luther King, Hendrix, Joplin, Lenon, Elis, Cazuza...) morreram por diversos tipos de 'overdose', devemos continuar a procura de uma ideologia para viver, pois, afinal, o tempo não pára" (Folha de S.Paulo, sexta-feira, 13 de jul. de 1990, p. A-3).

No sábado, 14 de julho, *O Globo* traz apenas uma matéria factual, resultado da cobertura da missa de sétimo dia, mas nenhuma aparição em coluna. Além disso, o box com o texto aparece em um pequeno espaço na página da edição do dia.

Figura 12: Reportagem missa de sétimo dia no *O Globo*, 14 de julho de 1990



(Foto: Acervo Digital O Globo³⁸)

Na edição de 15 de julho, um domingo, dia que os periódicos comumente reservam para reportagens longas e especiais, a *Folha de S.Paulo* não faz qualquer menção a Cazuza. Por outro lado, *O Globo* publica uma matéria de fôlego (produzida a partir de um trabalho de esforço de apuração e consulta a especialistas) sobre a morte do cantor ter causado um aumento da busca por teste de Aids na cidade do Rio de Janeiro. A reportagem especial de Luiz Carlos Lourenço, que ocupa uma página inteira, traz o posicionamento de médicos e dados. O lide ainda traz à tona a discussão sobre a discriminação da época (porém, ainda vista atualmente na sociedade, em 2024) das pessoas que viviam com HIV, cenário ilustrado, na

³⁸ Disponível em:

https://duyt0k3aayxim.cloudfront.net/PDFs_XMLs_paginas/o_globo/1990/07/14/01-primeiro_caderno/ge140790011RIO1-1234_g.jpg. Acesso em: 21 ago. 2024.

edição, pela história do personagem Waltemir de Oliveira, faxineiro demitido do prédio onde trabalhava, no Centro do Rio, por ter Aids, e pelo trabalho realizado por ONGs no apoio a esses pacientes. Mesmo passando a morar embaixo do viaduto da Praça da Bandeira, Waltemir, segundo a reportagem, não guardou mágoa. "A vida me ensinou que não se deve guardar nenhum mal no coração" (O Globo, domingo, 15 de jul. 1990, p.22), relatou ao repórter. O ex-faxineiro fazia tratamento no hospital Gaffrée e Guinle, no bairro do Maracanã, Zona Norte.

Figura 13 - Aumento da busca por testes de Aids, matéria *O Globo* 15 de julho de 1990



(Foto: Acervo Digital O Globo³⁹)

³⁹ Disponível em:

https://duyt0k3aayxim.cloudfront.net/PDFs_XMLs_paginas/o_globo/1990/07/15/01-primeiro_caderno/ge15079_0022RIO1-1234_g.jpg. Acesso em: 21 ago. 2024.

Tal matéria norteia o leitor sobre importantes avanços da Ciência encabeçados por profissionais da unidade de saúde, como o fato de a sobrevida dos pacientes lá tratados ser o dobro da registrada em 1987, mesmo sem uso do AZT⁴⁰, medicamento para inibir a atuação/infecção do vírus no organismo humano. Essa informação é creditada ao então diretor do Centro de Referência Nacional em Aids do hospital, Carlos Alberto Moraes de Sá, de acordo com estudos desenvolvidos no local. O especialista ouvido pelo jornal complementa, dizendo que as pesquisas permitiram conhecer particularidades da doença no Brasil, como a "maior incidência de mortes por tuberculose disseminada e por toxoplasmose cerebral, ao contrário do que ocorre na Europa e nos Estados Unidos, onde a principal causa de morte é a pneumonia. "O tipo de Aids que temos aqui é típico do Brasil e o aumento da sobrevida talvez se deva a uma mutação do vírus, que estaria se tornando menos agressivo em nosso país" (O Globo, domingo, 15 de jul. 1990, p.22), explica Sá em aspa do texto. O aspecto da relação médico-paciente, no sentido de a pessoa ser atendida sempre pelo mesmo profissional, e confiar nele, também é ressaltada como possível justificativa para o aumento da sobrevida, na opinião de Sá.

A entrevista rendeu ao jornal a informação de que a primeira pessoa a ser diagnosticada com Aids atendida no hospital estaria vivo ainda em 1990. Segundo o médico, ele teria chegado ao hospital em 1983, após ser infectado em 1981. Mas, mesmo com a evolução no tratamento, naquela época, o diretor do Centro relatou, à reportagem, ausência de recursos do Ministério da Saúde para aperfeiçoar estudos e manter o tratamento de pacientes. Faltavam insumos e remédios básicos, como antibióticos, AZT e reagentes para análises de laboratórios. Apesar das dificuldades, Moraes de Sá sinaliza o apoio fundamental de instituições, como CNPq e empresas privadas, como a Coca-Cola, para a progressão do trabalho feito pelo hospital. O jornal usa a edição de domingo para informar os contatos das principais entidades de acolhimento a pacientes com Aids que passariam a ganhar mais notoriedade a partir de então: Gapa, Abia, Turma OK, Pela Vidda, ARA e o Serviço Social do Gaffrée Guinle atuavam nesse sentido.

Em tempos onde pouco se sabia sobre a Aids, e a sigla era sinônimo de tabu e morte, a partida de Cazuza deixa como legado um "dever da casa" para autoridades e sociedade:

⁴⁰ O AZT surgiu em 1991 e foi o primeiro medicamento para as pessoas com o vírus HIV e que desenvolviam a Aids. No fim da década de 90, o número de remédios aumentou, formando o chamado de "coquetel". O Brasil foi um dos primeiros países a garantir a distribuição do coquetel na rede pública de saúde. Para uma análise aprofundada, visitar:

<<https://www.camara.leg.br/radio/programas/584548-hiv-Aids-capitulo-3/#:~:text=Em%201991%20surgiu%20o%20AZT,se%20chamou%20de%20%22coquetel%22.>>

investir em conhecimento científico mostra ser o caminho para disseminar informações embasadas em dados e desmistificar a Aids. Outra especialista consultada pela reportagem, e membro da Gapa, a imunologista Marcia Rachid avalia, no texto da época, o exemplo da figura do cantor, na luta contra a Aids. "Cazuza representava uma bandeira de luta para muitos. Ao mesmo tempo, me vieram à memória as palavras de um paciente que já morreu. Ele costumava dizer: 'Se o Cazuza morrer, a gente absorve a sua garra e energia'. Todo mundo entendeu seu exemplo na luta. Meus pacientes ficaram com a moral fortalecida (O Globo, domingo, 15 de jul. 1990, p.22)". Rachid relembra um show que assistiu do artista, ao aprofundar sua análise sobre a relação Cazuza-público no que se refere à discriminação da pessoa com Aids.

Ele suava muito e se secava com toalhinhas de rosto, que as pessoas da plateia pediam que ele jogasse. Não pensavam em qualquer discriminação. O amor pelo artista superava qualquer coisa. Eu gostaria que o amor das pessoas também passasse para os anônimos portadores de Aids. Que se fugisse da discriminação. Que se tratasse da Aids às claras, com dignidade, sem meias-palavras. [...] A Aids tinha uma conotação de morte. Agora, Aids tem uma conotação de vida, de luta pela sobrevivência. Isso é o que deve valer (O Globo, domingo, 15 de jul. 1990, p.22).

Nesta mesma edição dominical, uma nota da coluna "Vai Acontecer" anuncia uma homenagem que a TV-E, em programa dirigido por Geraldo Iglesias, fará a Cazuza. O espaço "Leituras além da imaginação", na seção "Na Cidade", por sua vez, traz outra homenagem ao cantor, chamando-o de Caju, como era, carinhosamente, conhecido por familiares e amigos. O poeta também ganha espaço na seção de bairros do periódico, na Ilha do Governador. Ele seria lembrado em um show da banda Linha Cruzada, realizado na Praia da Bica.

Pereira e Negrini (2019) refletem sobre a cobertura no Jornal Nacional da morte do cantor Cristiano Araújo, que faleceu em 2015, após um acidente. No artigo, a dupla observa o fato do artista ser contratado da gravadora Som Livre, uma das principais empresas fonográficas do país, e destaca esse fator como peça importante na noticiabilidade do acontecimento da morte, o que pode, para elas, ser enquadrado na indústria cultural, dado o potencial mercadológico de todo esse cenário. Podemos expandir esse ponto da análise para o objeto de nosso trabalho. A morte de Cazuza era importante por si só, dada a conjuntura do falecimento de um homem de 32 anos que perdeu uma batalha contra a Aids após várias internações, especulações em meio a um sucesso extraordinário da música nacional e da luta pela liberdade de amar e pensar. No entanto, ao olharmos para a cobertura do jornal *O Globo*, não se pode descartar o fato de que a Som Livre, gravadora do pai de Cazuza e que o colocou no topo do mundo musical, está associada ao Grupo Globo. Inevitavelmente, neste caso, isso acaba sendo um novo critério de noticiabilidade do veículo da família Marinho.

6. AIDS NA CONTEMPORANEIDADE: INFORMAÇÃO E INVESTIMENTOS

A letalidade e a sensação de impotência trazida pela Aids, em um primeiro momento, provoca na população o desejo de esclarecimento sobre seus efeitos, transmissão e prevenção, conforme falamos há pouco. Enquanto não se descobre a cura da Aids ou vacina, surgem iniciativas focadas em ações preventivas para alfabetizar a sociedade quanto à doença, visando ao controle da epidemia. É nesse contexto que surgem as campanhas educativas governamentais, para disseminar informações ao público. Para alcançar a maior parcela da população possível, meios de comunicação de massa, como a televisão, foram os principais mensageiros dessas campanhas. Cabe frisar que somente em 1985 o Ministério da Saúde passa a se manifestar de forma expressiva sobre a doença. Antes, “as ações governamentais limitavam-se a investimentos na vigilância epidemiológica, em um discurso de alerta e de não discriminação [...]” (Cassino; Guimarães, 2010, p. 47). O aspecto preventivo ficava restrito a palestras, distribuição de folhetos e reportagens na mídia, estas que, até hoje, “tem remetido a Aids a descobertas científicas ou tratado da prevenção do HIV de modo genérico, frequentemente acentuando o papel do uso da camisinha” (Costa, 2019, p.16).

Naquele ano, foi fundado o Grupo de Apoio à Prevenção à Aids (GAPA), primeira organização não governamental para a Aids. No mesmo ano, o Ministério da Saúde, reconhece a gravidade da epidemia e cria o Programa Nacional de Aids, que se firma em 1986, traçando diretrizes para enfrentar a Aids no Brasil. Inicialmente, o Programa incorporou ações já desenvolvidas no país por unidades federadas e ONGs. No mesmo ano, ocorreu a VIII Conferência Nacional de Saúde, onde foram consagradas ideias da Reforma Sanitária que seriam parte da nova Constituição de 1988. Assim, nasce o Sistema Único de Saúde (SUS), e a Organização Mundial da Saúde (OMS) institui o dia primeiro de dezembro como dia internacional de luta contra a Aids, com objetivo de aumentar a conscientização da população.

Contudo, essa estrutura sofreria mudanças no governo Collor (1990-1992) que, pautado por um viés neoliberal, colocou energia em desmontar serviços e políticas que garantiam direitos, como saúde e educação. Começaria um cenário de sucateamento na luta contra a Aids. Entre 1990 e 1991, a Coordenação do Programa Nacional foi desestruturada, comprometendo a vigilância epidemiológica. Somente em 1992, com o afastamento do ministro Alceni Guerra, o sistema de enfrentamento à doença se reorganizou com forte influência de uma parceria com o Banco Mundial. Em 1994, um empréstimo do banco de U\$ 160 milhões para o controle de DST/Aids no Brasil colocou em pé o projeto Aids I

(1994-1998). O Brasil dedicou parte dos recursos para garantir, também, o acesso universal dos pacientes ao tratamento antirretroviral (inicialmente com o AZT, já em uso desde a década de 1980). Em 1999, o Ministério da Saúde disponibilizava quinze medicamentos, o que pode ter sido um fator a colaborar para a queda de mortalidade dos pacientes e melhora da qualidade de vida das pessoas que tinham o vírus.

Mais tarde, quatro anos depois, em 2003, foi realizado em Havana, Cuba, o II Fórum em HIV/Aids e DST da América Latina. Na ocasião, o Programa Brasileiro de DST/Aids recebeu US\$ 1 milhão como reconhecimento das ações preventivas e assistenciais realizadas no país. O valor foi doado às ONGs que atuam em prol das pessoas com HIV/Aids. O Programa Nacional de DST/Aids brasileiro passou a ser considerado referência mundial.

As campanhas oficiais de informação começaram em 1987, inicialmente, baseadas em um discurso “agressivo” para amedrontar a população quanto ao risco de contrair Aids. O que pode ter contribuído, de forma indireta, para que o HIV não se espalhasse como previsto inicialmente, foi justamente esse “grande alarde público com os riscos associados ao sexo não seguro, para conseguir levar as pessoas a mudar seu comportamento sexual (Giddens, 2010, p.41)”. Esse pensamento acabou reforçando discriminação e promoveu resistência dos movimentos sociais. Pouco a pouco, surge a ideia de que a luta contra o preconceito e a discriminação estavam inseridos na lógica de prevenção, bem como a defesa da solidariedade e direitos das pessoas que tivessem a doença.

A autora Janine Cardoso problematiza as estratégias de comunicação do SUS, que não atendiam aos anseios de movimentos sociais e “se mantiveram avessas às reivindicações de movimentos e conselheiros de saúde por sua desconcentração, entendida, claro, como desconcentração de poder (Cardoso, 2020, p.962)”. Além disso, a estudiosa observa a tônica das campanhas veiculadas pelo Ministério da Saúde quanto à responsabilidade individual e ao uso da camisinha, como enunciavam alguns slogans: ‘Aids: você precisa saber evitar’, ‘AIDS: pare com isso’, ‘Se você não se cuidar, a AIDS vai te pegar’ (produzida no governo Collor, foi a que gerou maior repercussão e críticas), ‘Você precisa aprender a transar com a existência da Aids’, ‘Viver sem Aids, só depende de você’. A pesquisadora ainda pondera que a verba do Governo Federal, nesse período, era alvo de discussões políticas. “Na época, o Ministério da Saúde detinha um dos maiores orçamentos destinados à publicidade e era alvo de acompanhamento e críticas de parlamentares, pesquisadores e lideranças dos movimentos contra HIV/aids (Cardoso, 2020, p.963)”.

Hoje em dia, as principais estratégias de prevenção focam no incentivo à mudança de comportamento, por meio do acesso a informações sobre transmissão e prevenção, parcerias

com ONGs, para ampliar essas ações preventivas e a resposta à infecção por HIV, e na estruturação de modelos de intervenção, dados os múltiplos grupos sociais, quanto à conscientização. Os primeiros casos de Aids nos Estados Unidos foram detectados em 1981. Cerca de 40 anos depois, segundo dados recentes do Governo Federal⁴¹ de novembro de 2023, o Brasil registrou queda de mortes por Aids nos últimos dez anos, apesar de a doença ainda matar mais pessoas negras do que brancas. Em 2022, o Ministério da Saúde registrou 10.994 óbitos tendo o HIV ou Aids como causa básica (8,5% menos do que os 12.019 óbitos de 2012). Conforme Boletim Epidemiológico sobre HIV/Aids apresentado pela pasta, no fim de 2023, 61,7% dos óbitos foram entre pessoas negras (47% em pardos e 14,7% em pretos) e 35,6% entre brancos. Os dados evidenciam que é preciso considerar fatores sociais para respostas efetivas à infecção e à doença, assim como incluir populações chave e prioritárias esquecidas pelas políticas públicas.

Paralelo a isso, a mão amiga desse processo de disparar conhecimento sobre o tema, a comunicação, vem ganhando espaço crescente na sociedade, ainda mais considerando o frenético desenvolvimento de tecnologias de informação e comunicação das últimas décadas. Do telefone, rádio ou televisão, o indivíduo, socialmente, passou a contar com vídeo, computador, celular, e, claro, a Internet. Certo é que a cada dia surge uma nova possibilidade de interação entre as mídias, injetando mais potencial na comunicação e na atividade econômica.

6.1. A Internet na luta contra a Aids

Uma das diferenças no debate acerca da Aids na atualidade é a capacidade de capilarização online das discussões sobre a doença. Atualmente, por exemplo, já se conhece, dentre outros aspectos, a ideia de que ter o vírus HIV não significa, necessariamente, ter a doença Aids. Muitas pessoas têm HIV positivo, mas não têm Aids. Há 40 anos, sobravam dúvidas e faltavam explicações contundentes sobre o que significava ser uma pessoa com HIV, mesmo com os esforços do Ministério da Saúde, tanto no que se refere aos investimentos no sistema de saúde para receber e tratar os pacientes, como na veiculação de campanhas de informação. A população, por sua vez, carecia de relatos sinceros de pacientes. A Internet

⁴¹ Disponível em:

<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/novembro/brasil-registra-queda-de-obitos-por-aids-mas-doenca-ainda-mata-mais-pessoas-negras-do-que-brancas>. Acesso em: 2 de novembro de 2024.

também andava a passos lentos. Hoje, notamos algumas mudanças nesse quadro, que se firma colocando a internet como ferramenta potente do processo comunicacional em rede.

Tendo a internet como elemento potencializador da midiatização, sobretudo pelas redes sociais e a convergência digital entre a internet e os meios tradicionais, como o jornal, o rádio e a televisão, esse processo estaria criando um novo tipo de sociabilidade efetivamente em rede (Ferraz, 2015, p.116).

Hoje em dia, sobretudo a partir da intensificação da globalização e do avanço dos canais digitais, uma nova onda informacional penetra o tecido social, afinal, “democratizar as telecomunicações também faz bem à saúde e essa deve ser mais uma área de exercício da intersetorialidade, aproximando a saúde daqueles que fazem cultura, arte e pensam suas políticas, inclusive as de (tele)comunicação (Cardoso, 2017, p.53)”. Tal cenário propicia terreno fértil para o compartilhamento e arquivamento da narrativa pessoal do indivíduo com HIV e, na disputa pela atenção do usuário, as redes sociais ganham protagonismo.

O fato é que o YouTube é largamente utilizado para compartilhar experiências pessoais. Os canais de narrativa autobiográfica nessa plataforma também vieram no mesmo fluxo: a intenção de contar sua vida para os outros, eleita como um processo terapêutico, que busca uma catarse emocional e, ao mesmo tempo, o registro para a posteridade dos pensamentos. Não é apenas a evolução do diário físico, com cadeado e chave que as pessoas guardavam outrora. É a transformação da intenção humana de ter seus acontecimentos compartilhados com outras pessoas, agora, em uma escala global (Sacramento e Cirino, p. 42, 2023).

Os autores observam que a popularização da internet e das redes sociais digitais nas duas primeiras décadas dos anos 2000, impulsiona uma mudança significativa: o arquivamento de si passa a ser combinado com a publicização de si. Ou seja: se antes o arquivamento pessoal estava principalmente associado a mecanismos e dinâmicas contornados pela intimidade que poderia resguardar segredos, hoje “as redes sociais on-line permitem a simbiose entre o arquivamento e a publicação. É a publicação de um vídeo, por exemplo, que possibilita seu posterior arquivamento”. Sendo assim, podemos, por exemplo, publicar algo nos stories do Instagram, que duram no máximo 24h, mas, a mídia permanece arquivada para o dono da conta republicar quando quiser ou, permanece arquivada nos destaques catalogados no perfil disponíveis para qualquer usuário da rede. Cabe frisar que esses influenciadores divulgam informações, muitas vezes, já conhecidas de prevenção e sexualidade. E, apesar do potencial das redes, entendemos que, por mais que haja um cunho informativo, há, claro, uma estratégia para que a publicação seja melhor consumida e alcance um grande número de pessoas. Torna-se comum encontrar influenciadores que contam, em perspectiva confessional, como se

descobriram com HIV. No entanto, não se pode encarar esse processo com ingenuidade. Essa comunidade emerge em um contexto de espetacularizar o fato de viver como soropositivo, tendo o diagnóstico como acontecimento principal.

Sacramento e Cirino (2023) citam o exemplo do vídeo "Como descobri que estava com HIVA - Falo Memo"⁴², de Lucas Raniel. O vídeo inicia em formato making of, onde Lucas Raniel come uma fruta. Tal estratégia suaviza o clima, supostamente, pesado diante de uma revelação de grande impacto para a saúde de alguém e aproxima o internauta da história do youtuber. Lucas não só se coloca vulnerável ao compartilhar sua experiência, mas também faz questão de explicar a diferença entre HIV (vírus) e Aids (doença), frequentemente confundidos na sociedade. O influenciador revela ter sofrido abuso sexual, ocasião em que contraiu o vírus.

Além da linguagem usada e do conteúdo transmitido, a produção audiovisual conta com recursos de pregnância, como trilha sonora e técnicas de edição bem apuradas. Ao longo do vídeo, sobretudo no momento da descoberta do diagnóstico, há um destaque no momento decisivo de viver ou não viver, da confusão de sentimentos, diante do choque de ter a vida transformada de uma hora para outra. O testemunho forte na narrativa apresenta potencial de estímulo à necessidade de superação. Lucas Raniel opta por viver, apesar do peso social de ter HIV. Ele ressalta que "a dimensão social da infecção, resulta em um peso infinitamente maior para o diagnóstico de HIV/Aids do que para outras infecções virais ou doenças crônicas".

A publicação, seguindo a lógica de teia na internet, evoca comentários de usuários que assistiram ao vídeo. Entre eles, há um comentário com grande engajamento (likes): o relato de um filho sobre a mãe ter se matado devido à falta de informação: "Ela entendeu que sua vida havia acabado ali e, por isso, não fez o tratamento, contando apenas três dias antes de morrer que sua doença estava relacionada à Aids". A alta visibilidade, aliada a problemáticas, como abuso sexual e iminência de suicídio, elevam o potencial de compartilhamento do testemunho veiculado em vídeo. Essa dimensão espetacular do testemunho de viver com HIV é envolta por um processo de mostrar publicamente, nas redes sociais, o sofrimento na superação: "Nesse sentido, em nossa sociedade, há o encorajamento para que o infortúnio seja encarado como possibilidade de crescimento e transformação pessoal (Sacramento e Cirino, p. 109, 2023)". O testemunho desperta no indivíduo o desejo de falar sobre si e sua sexualidade como uma vontade de autoconhecimento.

⁴² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EHYcp1OCip4>. Acesso em: 21 de outubro de 2024.

Se de um lado, atualmente, vemos um movimento de incentivo à exposição digital da experiência de ter Aids, de outro, vemos um Cazuza bombardeado moralmente ao assumir que vivia com Aids. Ao mesmo tempo, sua infecção era vista como tendo um nexo causal com o comportamento libertino, homossexual, usuário de drogas e roqueiro. Em contraponto a essa lógica de compartilhamento no mundo digital, destacamos outra contribuição de Susan Sontag em nosso trabalho. Sontag reflete sobre o individualismo fomentado pela Aids na sociedade.

O modelo de comportamento altruístico de nossa sociedade, a doação anônima de sangue, foi comprometido, pois todos encaram com desconfiança o sangue anônimo recebido. A Aids não apenas tem o efeito infeliz de reforçar a visão moralista da sexualidade, que caracteriza a sociedade americana, como também fortalece ainda mais a cultura do interesse próprio, geralmente elogiada com o nome de individualismo (Sontag, p. 111, 2007)

Essa noção de individualidade traz, consigo, um imperativo de autonomia reforçado por um conceito de cuidado com a saúde, revelando um processo de individualização ainda mais forte, o que reforça a ideia de liberdade e igualdade como valores importantes na sociedade. O conceito de individualidade, quando inserido no debate sobre a Aids à época do fenômeno Cazuza, geralmente é associado

à lógica do risco em saúde, que transforma a infecção por HIV em uma questão de foro individual - ou seja, atribui a responsabilidade pela infecção à pessoa, por conta de seus hábitos e estilo de vida -e, consequentemente, descoletiva as determinações deste processo saúde-doença (Costa, 2019, p.16)

Desse modo, o artista é marginalizado e invisibilizado socialmente, diferentemente do que vemos atualmente, quando há um estímulo para que a pessoa com Aids debata a questão publicamente, na internet, por exemplo. O discurso do risco na saúde transformou a relação entre médico e paciente. O pesquisador e ativista Richard Parker (2016, p.17-18) compara a prevenção ao HIV/Aids do início da epidemia no Brasil e dos dias de hoje.

Desde o começo, a prevenção – pelo menos como surgiu na comunidade gay, e como foi articulada pela primeira geração de ativistas da AIDS no Brasil – foi mais sobre a preocupação com o outro ou com quem havia sido seu parceiro, namorado ou grande amor. A saúde pública tradicional parece ter destruído isso, pois inverteu esses valores e investiu na ideia de —nos proteger da ameaça dos outros ao invés de —protegemos os outros. E, com isto, estabeleceu uma maneira totalmente diferente de pensar a relação com as pessoas (parceiros, amigos e familiares, ou seja, pessoas que realmente são importantes para nós). E as transformou em possíveis —ameaças no lugar de seres humanos que mais precisavam da nossa proteção (Parker, 2016, p.16)

Dentre as vitórias na luta contra a Aids desde o início da epidemia, as redes sociais se destacam no compartilhamento de experiências como testemunhos. Em sua tese a respeito da

cobertura jornalística sobre métodos biomédicos de prevenção ao HIV, Stéphanie Costa destaca o papel mediador do jornalismo ao selecionar acontecimentos para a audiência: “Nas sociedades atuais, o jornalismo coloca-se como um mediador entre os fatos da realidade e o seu público, selecionando aqueles acontecimentos que seriam de destaque e interesse para o conhecimento da opinião pública (Costa, 2019, p.118)”. Por outro lado, apesar do avanço tecnológico e da Internet, o papel de mediação do jornalismo segue ocupando um lugar importante na construção de um sentido comum para a experiência e de coesão social pela sua influência na rotina.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi possível observar neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), a imprensa exerceu papel importante na forma pela qual a audiência apreendeu a morte de Cazuza, um ídolo nacional, em decorrência da Aids. Conseguimos, ainda, verificar a relevância de múltiplas vozes no processo de construção da notícia. Os depoimentos de familiares, amigos e autoridades, enquanto fontes não oficiais, nas matérias sobre a morte de Cazuza ajudam a formar um clima saudosista na narrativa a ser contada, de modo que o leitor fique imerso na história vendida.

Nosso intuito foi analisar a configuração da informação, usada tanto em *O Globo* quanto na *Folha de S.Paulo*, na construção de notícias sobre HIV/Aids, durante o mês de julho de 1990, com um recorte de oito dias. Pudemos ver, nesse aspecto, que o preconceito e o pânico, perpetuados pelo sensacionalismo, dominaram as manchetes da época. O fato de Cazuza tornar-se conhecido no mundo do rock, fez com que a mídia associasse seu perfil de roqueiro homossexual ao fato de o poeta ter Aids, transparecendo a emergência de um discurso moralizante. Adjetivos como rebelde, ousado e exagerado, somados à veia performática e irreverente nos palcos, faziam parte da linguagem midiática para falar sobre Cazuza e, de certa forma, culpabilizá-lo por ter adquirido a patologia, estabelecendo uma relação de causa e consequência com o comportamento libertino e usuário de drogas.

Após análise das coberturas dos jornais *O Globo* e *Folha de S.Paulo*, ambos de grande circulação nacional, pode-se notar como cada um desses dois veículos combinou recursos linguísticos (seja com fotografias marcantes, entrevistas emocionantes, reportagens de fôlego ou pequenas notas em colunas de autores famosos, como Ricardo Boechat) e imagéticos para noticiar a morte prematura, aos 32 anos, de um dos maiores ícones do rock nacional no auge da epidemia de Aids, em 1990, em um contexto estereotipado e marginalizado. Inferimos, ainda, que a imprensa discutiu a morte de Cazuza, com o pano de fundo da Aids, como um "cerimonial público". Enquanto o jornal *O Globo* destaca a morte na capa, com reportagens emocionantes e depoimentos de amigos, a *Folha de S.Paulo* aborda o tema de forma mais contida, mas não deixando de trazer homenagens e reflexões sobre sua vida e legado. Ambas as coberturas, no mais, refletiram a luta contra a Aids e a importância cultural de Cazuza.

A partir da revisão bibliográfica e do estudo das edições citadas, ficou nítido como a construção da doença foi sendo concatenada por várias vozes, e articulada por dispositivos jornalísticos para atender a uma estrutura narrativa própria desse campo, enquanto produtor de

linguagem. Para dar o tom dessa construção do sentido da Aids, a mídia transformou, ao longo dos anos, dados científicos em notícias em que a sociedade pudesse entender e ter dimensão da gravidade da conjuntura imposta pela doença. Mostramos que a epidemia adquire esse tom de alerta, sobretudo, na virada da década de 1980 para 1990, com investimentos e campanhas educativas do Ministério da Saúde.

Nesta pesquisa, vimos como a mídia desempenhou um papel fundamental na construção social dos significados ao redor do HIV/Aids, tal como na disseminação de um medo irreversível na sociedade. Nesse princípio, de tanto se concentrar no processo de adoecimento e morte do paciente, ou, em nosso caso, do artista, a mídia, com uso da violência nas palavras, acaba por suprimir o tempo, a vida dele. Este trabalho evidenciou o uso intenso da linguagem, pela imprensa, para noticiar não apenas a morte de Cazuza, mas, em certos casos, a maneira como os jornais construíram a figura do poeta, mesmo que isso significasse sentenciar o artista à morte, como fez a revista *Veja*, a qual mencionamos no artigo. Apesar de não se deixar abalar pelas matérias publicadas nos jornais, sobre sua vida pública e privada, e seguir firme no propósito de cantar e encantar uma geração, a capa da revista *Veja* coloca Cazuza em uma situação delicada.

As páginas dos jornais, por vezes, faziam uma espécie de contagem regressiva, por meio das palavras e imagens, para a partida de Cazuza, afinal, conforme as notícias saíam, a morte galopava atrás de Cazuza. O tempo de espera pela morte. O diagnóstico soropositivo, no jornalismo, faz nascer uma nova vida do sujeito, de modo que passado, presente e futuro são apagados e dão lugar à personalidade do “ser aidético” e ao “estar com Aids” como ocupação do indivíduo. Essas passam a ser as únicas formas plausíveis do ser humano com HIV se inserir no mundo. O tempo da nova vida passa a ser marcado pelo intervalo entre dores, internações em hospital e horário de tomar remédios. A vida pregressa é anulada. A Aids atinge, então, o inconsciente individual e coletivo da sociedade, dado seu potencial transmissível e fatal, promovendo uma reflexão sobre a sobrevivência individual.

No material jornalístico que analisamos, inferimos, portanto, que a problemática da Aids ganha peso após a cobertura da morte de Cazuza, já que a doença acabava de matar uma figura pública no auge do sucesso. A partida do artista traz efeitos práticos e imediatos, sobretudo, na questão da saúde pública. Lembremos, aqui, da reportagem publicada em *O Globo*, no dia 15 de julho de 1990, analisada por nós, que associa a morte do cantor a um aumento da busca por teste de Aids na cidade do Rio de Janeiro. O lide ainda traz à tona a discussão sobre a discriminação da época. Por outro lado, a edição do mesmo dia da *Folha de São Paulo* não faz qualquer menção a Cazuza.

Ao analisarmos as edições a que nos propusemos, notamos que os jornais, estratégicos para construir o sentido da Aids na sociedade, esbarram em interesses políticos/econômicos e limitações da rotina produtiva para impulsionar o debate em torno da doença. Então, no processo de construir a notícia sobre Aids, a relação dos jornalistas e fontes de informação é essencial, pois só a pluralidade de vozes nos textos da imprensa contribui para uma construção mais fiel à realidade da doença no século XXI. Vale ressaltar, aqui, que a representação equivocada da Aids se desenvolve em uma cobertura noticiosa chancelada por preconceitos existentes no senso comum. Daí, a importância de o estudo dessa questão ganhar aprofundamento nas pesquisas científicas da academia, alertando para a necessidade de mudança na forma de informar sobre o HIV/Aids, bem como outras enfermidades com estigmas.

Em suma, o presente trabalho pode ser encarado como um material para apoiar os estudos referentes à produção noticiosa na imprensa sobre a morte de Cazuza, enquanto ícone da música nacional e paciente com Aids. Mesmo tendo buscado reunir informações e trazer um material novo para contribuir com a discussão, acredito que o tema não se esgota nas páginas deste trabalho. A monografia tem potencial de servir de base para outras produções acadêmicas sobre o tema.

Um caminho plausível, para novas abordagens, seria expandir o corpus de análise e, em vez de considerar 16 edições, oito de cada jornal por oito dias, selecionar um mês inteiro ou um período ainda maior, realizando um estudo amplo dos principais termos linguísticos, como substantivos e adjetivos, que compõem os textos das páginas, resultando em um aprofundamento em determinados aparatos linguísticos inseridos no discurso construído.

Deixamos, também, como sugestão uma análise mais direcionada focada nos registros em notas de colunas de jornais, e não em reportagens. Vale o enfoque nessa outra forma de escrita jornalística, a de notas de colunas que, por vezes, consistem em noticiar um fato utilizando apenas uma frase curta. Por fim, um outro caminho possível, para futuras criações acadêmicas, seria uma análise comparativa entre duas coberturas de morte de notórias figuras públicas com Aids em um mesmo jornal, porém com uma diferença de tempo de, por exemplo, décadas (considerando, hoje em dia, o alcance da internet, sobretudo das redes sociais). Assim, seria possível visualizar as diferenças e semelhanças nas coberturas, na imprensa, com o impacto das redes. Essas são algumas ideias que podem ser desenvolvidas em futuros trabalhos.

Viva o poeta.

Viva, Cazuza!

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRUDA, R. Biografia de Cazuza: relembre a vida do cantor exagerado, **Letras**, 7 de jul.2023. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/blog/cazuza-biografia/>>. Acesso em: 15 nov. 2024.

AZEVÊDO, José. Experiências de soropositividade nas mídias: Capas da Veja e Galileu na conformação do que é viver com HIV/Aids. In: X Encontro dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação Social de Minas Gerais, 2017, Belo Horizonte. **Anais** [...]. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2017. Disponível em: <https://anaisecomig.wordpress.com/wp-content/uploads/2018/02/joao_azevedo_ufmg_artigo.pdf>. Acesso em: 21 de set. de 2024.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRASIL registra queda de óbitos por aids, mas a doença ainda mata mais pessoas negras do que brancas. **Ministério da Saúde**, 30 nov. 2023. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/novembro/brasil-registra-queda-de-obitos-por-aids-mas-doenca-ainda-mata-mais-pessoas-negras-do-que-brancas>>. Acesso em: 24 de out. de 2024.

CANUTO, Luiz Cláudio. Aniversário de nascimento de 60 anos de Cazuza. **Rádio Câmara**, Brasília, 4 abr. 2018. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/radio/programas/534960-aniversario-de-nascimento-de-60-anos-de-cazuza/>>. Acesso em: 16 de set. de 2024.

CARDOSO, Janine Miranda; LERNER, Katia. Os jovens e os discursos sobre Aids: da centralidade dos contextos para a apropriação de sentidos. **Revista eletrônica de comunicação, informação e inovação em saúde**, [S. 1.], v. 3, n. 3, p.67-75, 2009. DOI: 10.3395/reciis.v3i3.782. Disponível em: <<https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/782>>. Acesso em: 16 nov. 2024.

_____. Entre campanhas, notícias e direitos: os laços entre comunicação e SUS numa trajetória de pesquisa. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, [S. 1.], v. 14, n. 4, 2020. DOI: 10.29397/reciis.v14i4.2263. Disponível em: <<https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/2263>>. Acesso em: 15 nov. 2024.

CASSINO, Ana Carolina Domingos; GUIMARÃES, Cátia. Informação, educação e saúde: uma análise de campanhas televisivas da Aids no Brasil. In: MONKEN, Maurício; DANTAS, André Vianna (Org.). **Iniciação Científica na Educação Profissional em Saúde: articulando trabalho, ciência e cultura**, v.5, Rio de Janeiro: EPSJV, 2010. p.43-70. Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/25881>>. Acesso em: 23 de set. de 2024.

CAZUZA ESPECIAL - Memorial Nacional - Vídeo Show, 6 de setembro de 2018. 1 vídeo (11 min). Publicado pelo canal Cazuza o eterno poeta. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oAD7e8VQFWg>>. Acesso em: 7 de ago. de 2024.

COSTA, S. **Risco, biomedicalização e AIDS: cobertura jornalística sobre métodos biomédicos de prevenção ao HIV**. Tese (Doutorado em Informação e Comunicação em Saúde). Rio de Janeiro: Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde/ Fundação Oswaldo Cruz, 2019. Disponível em: <<https://ppgics.icict.fiocruz.br/teses-ou-disserta%C3%A7%C3%B5es/risco-biomedicaliza%C3%A7%C3%A3o-e-aids-cobertura-jornal%C3%ADstica-sobre-m%C3%A9todos-biom%C3%A9dicos>>. Acesso em 16 de set. de 2024.

DAPIEVE, Arthur. **BRock o rock brasileiro dos anos 80**. Rio de Janeiro, Editora 34, 1995.

NUNES, Tatiana. Cazuza: o caso da Veja 1.077 – Análise ética do discurso da revista Veja sobre a doença e morte de Agenor de Miranda Araújo Neto, **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, Ponta Grossa, v.1, n.6, p. 145-171, dez. 2009/mai.2010. Disponível em <<https://pt.scribd.com/document/751867714/silo-tips-cazuza-o-caso-da-veja-analise-etica-do-discurso-da-revista-veja-sobre-a-doena-e-morte-de-agenor-de-miranda-araujo-neto-1-2>>. Acesso em 3 de nov. 2024.

FAUSTO NETO, Antonio. **Mortes em derrapagem:** os casos Corona e Cazuza no discurso da comunicação de massa. Rio de Janeiro: Rio Fundo Ed., 1991.

FERRAZ, Luiz Marcelo Robalinho. **Doença, uma noção (também) jornalística : estudo cartográfico do noticiário de capa do semanário de informação Veja (1968-2014).** Tese (Doutorado em Informação e Comunicação em Saúde). Rio de Janeiro: Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde/ Fundação Oswaldo Cruz, 2015. Disponível em <<https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/65771>>. Acesso em 30 de out. de 2024.

GAVIGAN, K.; RAMIREZ, A.; MILNOR, J.; PEREZ-BRUMER, A.; TERTO JR., V.; PARKER, R. **Pedagogia da prevenção: reinventando a prevenção do HIV no século 21.** Rio de Janeiro: ABIA, 2016.

JARDIM, M.; ROSA, T. O rock brasileiro dos anos 1980: qual o perfil social dos roqueiros incorporados pela indústria da música? **Revista Sinais**, Vitória, v. 1, n. 24, p.3-25, jan./jul. 2020. Disponível em <<https://periodicos.ufes.br/sinais/article/view/32444>>. Acesso em 17 de ago. de 2024.

JESUS, J.; FERREIRA, J.; GOMES, M.; MAZZOLA, R.; SOUZA, T. Cazuza, um exagerado: análise do programa Por toda minha vida. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORTE, XI, 2012, Palmas. **Anais** [...]. Palmas: Universidade Federal do Tocantins, 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/norte2012/resumos/R29-0233-1.pdf>>. Acesso em: 18 de out. de 2024.

JULIÃO, Rafael. Cazuza: segredos de liquidificador. Curitiba: Editora Batel, 2019.

KARAM, Francisco. Jornalismo, ética e liberdade. São Paulo (SP): Summus Editorial, 2014.

MATTOS, Renan. O mal do século – A Aids e o Rock Brasil. In: Seminário Internacional História do Tempo Presente, 2011, Florianópolis. **Anais** [...]. Florianópolis: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2011. p.219-237. Disponível em: <<https://eventos.udesc.br/ocs/index.php/STPII/stpi/paper/viewFile/262/181>>. Acesso em: 15 de jun. de 2024.

MELO, Christianne. **Cazuza: Música e poética social na indústria cultural dos anos 80.** Monografia (Graduação em História). Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, 2004. Disponível em <<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/19342/1/CazuzaMusicaPoetica.pdf>>. Acesso em: 4 de out. de 2024.

MOTTA, N. Inteligência crítica fez de Cazuza um dos maiores cronistas do seu tempo. **TV Globo**, 18 de jul. de 2015. Saúde. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2015/07/inteligencia-critica-fez-de-cazuza-um-dos-maiores-cronistas-do-seu-tempo.html>>. Acesso em: 15 nov. 2024.

NASCIMENTO, D. R. A AIDS no Final do Século XX. In.: **As Pestes do século XX: tuberculose e Aids no Brasil, uma história comparada [online].** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005, p. 81-112. ISBN: 978-65-5708-114-3. Disponível em <<https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/49907>>. Acesso em 19 de ago. 2024.

NEGRINI, Michele; REDU, Natália. A morte como laço social: reflexões sobre a cobertura de Zero Hora ao aniversário da morte de Bernardo Boldrini. **Leituras do Jornalismo**, São Paulo, ano 03, v. 1, n. 5, jan./jun. 2016. Disponível em: <<https://www3.faac.unesp.br/leiturasdojornalismo/index.php/leiturasdojornalismo/article/view/82/69>>. Acesso em: 29 de ago. de 2024.

PAINS, C. Aids: de doença desconhecida a epidemia “perto” do controle. **O Globo**, Rio de Janeiro, 20 de jul. de 2015. Saúde. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/saude/Aids-de-doenca-desconhecida-epidemia-perto-do-controle-16839617>>. Acesso em: 15 nov. 2024.

POLLAK, Michel. **Os homossexuais e a AIDS: sociologia de uma epidemia**. São Paulo: Estação Liberdade, 1990. Disponível em: <<https://archive.org/details/michael-pollak-os-homossexuais-e-a-aids/page/211/mode/2up>>. Acesso em 7 de set. 2024.

SACRAMENTO, Igor; CIRINO, J. Antônio. **A Infecção e suas memórias: o testemunho e a exposição do viver com HIV no YouTube**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2023. Disponível em <<https://www.pimentacultural.com/livro/infeccao-memorias/>>. Acesso em 6 de ago. de 2024.

SANTOS, Fábio. **Expressões poéticas da dor: ecos da Aids nas canções de Renato Russo**. Monografia (Graduação em Educação Física). Aracaju, Universidade Federal de Sergipe, 2018. Disponível em <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/9815/2/Fabio_Rogerio_Santos.pdf>. Acesso em: 9 de set. de 2024.

SILVA, M. G. O.; LIMA, M. E. O. Do anonimato à fama: como a produção de ídolos instantâneos em reality shows musicais envolve a audiência. In: INTERCOM - Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, XVII, 2015, Natal, Rio Grande do Norte. DT 5: Rádio, TV e Internet. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2015/resumos/R47-1790-1.pdf>>. Acesso em: 30 de set. de 2024

SONTAG, Susan. **Doença como metáfora. AIDS e suas metáforas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SOUZA, Petra Kelly Rabelo de; MIRANDA, Karla Corrêa Lima; FRANCO, Amanda Carneiro. Vulnerabilidade: análise do conceito na prática do enfermeiro em ambulatório de HIV/AIDS. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 64, n. 2, p. 381-384, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v64n2/a26v64n2.pdf>> Acesso em: 26 ago. 2024

TRAQUINA, Nelson. As Notícias. In: TRAQUINA, Nélson (org). **Jornalismo: Questões, Teorias e “estórias”**, Vega, 1999.

_____. **A problemática Aids: Acontecimentos, Notícias e Estórias**. In: O estudo do jornalismo no século XX. Porto Alegre: Editora UNISINOS, 2000.

_____. **Teorias do Jornalismo**: Porque as notícias são como são. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005

_____. **Teorias do Jornalismo, Volume II**: A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional, 2. ed. Florianópolis: Insular, 2008.

9. ANEXOS

Figura 1 - Capa da <i>Veja</i> de 26 de abril de 1989.....	20
Figura 2 - Entrevista de Cazuza na <i>Veja</i> , 26 de abril de 1989.....	23
Figura 3 - “Doença misteriosa” no <i>O Globo</i> , 11 de dezembro de 1981.....	31
Figura 4 - Box “doença misteriosa” no <i>O Globo</i> , 11 de dezembro de 1981.....	32
Figura 5 - Capa do jornal <i>O Globo</i> , 8 de julho de 1990.....	34
Figura 6 - Primeira notícia da morte de Cazuza no <i>O Globo</i> , 8 de julho de 1990.....	36
Figura 7 - Capa da <i>Folha de S.Paulo</i> , 8 de julho de 1990.....	39
Figura 8 - Capa do caderno de Cidades da <i>Folha de S.Paulo</i> , 8 de julho de 1990.....	41
Figura 9 - “A morte de Cazuza” na <i>Folha de S.Paulo</i> , 8 de julho de 1990.....	43
Figura 10 - Cantor expulso do colégio na adolescência, <i>Folha</i> , 8 de julho de 1990.....	46
Figura 11 - Comunicado no <i>O Globo</i> da missa de sétimo dia, 13 de julho de 1990.....	49
Figura 12 - Reportagem missa de sétimo dia no <i>O Globo</i> , edição de 14 de julho de 1990.....	51
Figura 13 - Aumento da busca por testes de Aids, matéria <i>O Globo</i> 15 de julho de 1990.....	52